



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



**Mestrado em Educação Pré-escolar – 2º ano**

**Prática de Ensino Supervisionada III – Creche**

# **Projeto de Intervenção – Na creche tudo acontece!**

**Docente/Supervisora:**

Helena Luís

**Discentes:**

Magda Antunes – 150298017

Sofia Pimenta – 150298012

**2016 – 2017**

# Índice

Lista de abreviaturas .....	4
Introdução .....	5
1. Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo .....	7
1.1 Caracterização do meio e contexto socioeducativo .....	7
1.2 Caracterização do grupo de crianças.....	11
1.2.1 As rotinas do grupo de crianças .....	13
2. Revisão da literatura .....	14
2.1 A valência de creche.....	14
2.2 O papel do (a) educador (a) na creche .....	17
2.3 A figura da pessoa “chave” na creche.....	20
2.4 O envolvimento na creche .....	22
2.5 O brincar na creche .....	24
2.6 A necessidade de linhas orientadores em creche .....	27
3. Projeto de intervenção.....	29
3.1 Objetivos do projeto de intervenção e sua justificação .....	29
3.2 Intencionalidades na rotina .....	33
3.3 Planificações e avaliações diárias.....	38
3.3.1 Planificação e avaliação de 22 a 25 de novembro (Sofia Pimenta).....	38
3.3.2 Planificação e avaliação de 29 de novembro a 2 de dezembro (Magda Antunes).....	51
3.3.3 Planificação e avaliação de 6 a 9 de dezembro (Sofia Pimenta) .....	57
3.3.4 Planificação e avaliação de 13 a 16 de dezembro (Magda Antunes).....	66
3.3.5 Planificação e avaliação de 3 a 6 de janeiro (Sofia Pimenta).....	76
3.3.6 Planificação e avaliação de 10 a 13 de janeiro (Magda Antunes).....	97
3.3.7 Planificação e avaliação de 17 a 20 de janeiro (Sofia Pimenta).....	111
4. Processos de avaliação.....	122
4.1 Avaliação do projeto de intervenção .....	122
4.2 Avaliação da educadora cooperante .....	125
4.2.1 Avaliação da educadora cooperante (Magda Antunes) .....	125

4.2.2 Avaliação da educadora cooperante (Sofia Pimenta) .....	126
5. Reflexões .....	127
5.2 Reflexões individuais .....	127
5.2.1 Reflexão individual (Magda Antunes) .....	127
5.2.2 Reflexão individual (Sofia Pimenta) .....	139
6. Considerações finais .....	151
7. Referências bibliográficas .....	152

## **Lista de abreviaturas**

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PEI – Projeto Educativo da Instituição

## Introdução

O presente portefólio tem como principal finalidade ilustrar a Prática de Ensino Supervisionada III (PES), realizada em contexto de creche, através de uma reflexão aprofundada e fundamentada.

Assim, o objetivo principal deste portefólio é a caracterização do trabalho desenvolvido ao longo de 9 semanas de prática, refletindo criticamente sobre o nosso desempenho como estagiárias e futuras profissionais de educação. Serve este documento para nos auxiliar a construir as bases do nosso futuro enquanto educadoras de infâncias, tendo este sido traçado desde o início do nosso percurso académico. A PES III decorreu entre o dia 9 de novembro de 2016 e o dia 27 de janeiro de 2017, numa sala de atividades com crianças de um ano de idade, e para a realização deste relatório tornou-se indispensável a consulta dos documentos oficiais do estabelecimento, como o Projeto Educativo da Instituição (PEI). A PES III teve o seu início com a observação participante do grupo de crianças, tendo decorrido em três dias, seguindo-se de uma semana de intervenção partilhada com a educadora cooperante.

A nossa ação pedagógica foi baseada em princípios éticos e deontológicos que defendemos como essenciais na prática educativa, nomeadamente o enfoque do brincar e do envolvimento das crianças ao longo do dia. Deste modo, foi nossa intenção, durante toda a prática, respeitar a confidencialidade dos atores educativos, codificando da sala e das crianças, bem como ter autorização para utilizar as fotografias das crianças, no âmbito deste portefólio.

Para uma apresentação organizada e de fácil consulta ao leitor, o portefólio encontra-se estruturado em seis capítulos.

Assim, no **primeiro capítulo** – Caracterização do contexto socioeducativo – é apresentada uma contextualização do meio, do contexto socioeducativo, do grupo de

crianças e das suas rotinas. Será, também, efetuada uma breve avaliação do grupo de crianças e uma análise reflexiva sobre as intenções educativas.

No **segundo capítulo** – Revisão da literatura – apresentamos, de forma fundamentada, algumas temáticas que consideramos essenciais em creche, nomeadamente o papel do educador; a figura da pessoa “chave”; a valência de creche: 1 ano; necessidade de linhas orientadoras em creche; a importância das rotinas em creche; brincar na creche e o envolvimento das crianças em contexto de creche.

No **terceiro capítulo** – Projeto de intervenção – são identificadas e fundamentadas as intenções para a prática educativa, bem como uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido no contexto a partir das planificações efetuadas.

No **capítulo quatro** – Avaliação – Demonstramos ainda a componente avaliativa, sendo que apresentamos a nossa avaliação e a avaliação da educadora cooperante.

No **penúltimo capítulo** – Reflexões individuais – expomos a nossa avaliação individual, sendo que fazemos uma reflexão fundamentada acerca da nossa PES II.

Por fim, no **capítulo seis** – Considerações finais – é feita a reflexão de todo o processo e o impacto que a PES III teve no desenvolvimento da nossa profissionalidade, interligando com as PES anteriores.

# **1. Caraterização reflexiva do contexto socioeducativo**

## **1.1 Caraterização do meio e contexto socioeducativo**

O Centro Social Interparoquial de Santarém é uma instituição Particular de Solidariedade Social, a cargo da Diocese de Santarém, que tem como principal intuito promover atividades de ação social e educacional, promotoras da pessoa humana, através de diversas respostas sociais. A instituição cooperante localiza-se na zona centro de Santarém, sendo que acolhe crianças dos 0 aos 6 anos de idade. Esta é constituída por duas valências de Creche e uma de Pré-Escolar. Tal como é referido no *site* da instituição cooperante, as Creches localizam-se no 1º andar, em cada uma das alas e cada uma delas é composta por berçário, sala de 1 ano, sala de 2 anos, sala heterogénea e refeitório. A valência de Pré-Escolar localiza-se então no piso térreo da mesma mesma infraestrutura, sendo constituída por seis salas: duas de três anos, duas de quatro anos e duas salas de cinco anos. (Centro Social Interparoquial de Santarém, 2016)

No que concerne ao PEI Cooperante, segundo a consulta realizada ao documento, este baseia-se no tema “Educar para Saber Sorrir”, tendo como principal objetivo “fomentar nas crianças valores de ética, integridade, humildade, cooperação, disciplina e respeito pelo outro”. (Fonte: PEI)

Relativamente à Missão, Visão e Valores do Projeto Educativo, é dado principal enfoque aos seguintes parâmetros:

“O conceito unitário e global da pessoa humana e o respeito pela sua dignidade; aperfeiçoamento cultural, espiritual e moral da comunidade; o espírito de convivência de solidariedade social

como fator decisivo de trabalho, comum, tendente à valorização integral dos indivíduos, das famílias, da comunidade e demais agrupamentos; o respeito pela liberdade de consciência e formação cristã dos utentes.”

(Fonte: PEI)

Em relação ao plano de intervenção deste Projeto, foi possível verificar que este contempla dois objetivos gerais, sendo eles “ajudar as crianças a refletir sobre a diversidade de valores, as implicações práticas e expressá-los em relação a si próprios, aos outros, à comunidade e ao mundo em geral; fomentar nas crianças, atitudes de respeito e de valorização crítica pelo meio ambiente, assim como interiorizar normas e leis que regem os elementos que o configuram.” (Fonte: PEI)

Quanto às estratégias, estas são nove no total e contemplam a elaboração do plano anual de atividades e os projetos pedagógicos, tendo em atenção os objetivos gerais da instituição, do projeto educativo, das orientações curriculares, das metas de aprendizagem e do grupo de crianças ao qual é destinado; desenvolvimento de aspetos do carácter da criança de modo positivo; promoção de intercâmbios com as restantes unidades de infância e de idosos; participação da família na instituição; celebração de datas festivas; realização de visitas de estudo; promoção de atividades, ações de formação, palestras, entre outros; realização de avaliações periódicas.

A metodologia de trabalho utilizada na instituição tem por base vários modelos curriculares, sendo que cada educador/a toma a decisão de escolha. Deste modo, e tal como é referido no PEI, podem ser encontradas várias dinâmicas influências pelo Modelo Escola Moderna, pelo modelo curricular Reggio Emilia, pelo modelo de Trabalho de Projeto e modelo de Aprendizagem Cooperativa.

Relativamente ao Modelo Escola Moderna, este é utilizado na organização do ambiente educativo, onde é pretendida uma organização e partilha entre todos os intervenientes. Regra geral, os instrumentos de registo utilizados na metodologia de

trabalho são: quadro de aniversários, quadro de registo de regras, quadro de registo de tarefas, quadro de tempo e planificação diária ou semanal.

Em relação ao modelo Curricular High Scope, este tem como base a teoria de desenvolvimento à aprendizagem através da ação - Piaget. Através da aprendizagem pela ação as crianças constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao que as rodeia através de experiências. Deste modo torna-se importante a valorização da ação por parte da criança e o brincar espontâneo.

É também salientada a importância do processo planejar-fazer-rever, sendo que este é muito importante ao longo do processo de aprendizagem e de solidificação de conhecimentos. Numa sala onde o Modelo de High Scope é utilizado, o adulto tem o papel de “andaime”. Deste modo o adulto tem a função de observar e participar nas brincadeiras das crianças dando-lhes apoio e usufruindo da sua ação para o desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo o modelo pedagógico Reggio Emilia é defendido que as crianças aprendem através dos órgãos dos sentidos. A criança constrói a identidade e conhecimento de modo a interpretar o meio que a rodeia. Deste modo, as crianças tendem a explorar o meio envolvente. O ambiente físico neste modelo é considerado como terceiro educador.

O modelo de Trabalho de Projeto é uma temática que desperta interesse por parte das crianças. O adulto estimula esse interesse e poderá dar início a um miniprojeto, onde as crianças poderão participar em pequenos grupos ou em grande grupo.

No modelo de Aprendizagem Cooperativa é facilitado o desenvolvimento das crianças quando o grupo é constituído por crianças com várias idades e graus de desenvolvimento. Este método também pode facilitar na redução de conflitos entre as crianças o que origina o aumento da responsabilidade de cada uma pela forma de ser e de estar do outro. É uma excelente forma de inculcar nas crianças competências sociais, tais como: ajudar, esperar pela sua vez, partilhar, entre outros. (Fonte: PEI)

De acordo com o PEI, compete ao educador desenvolver a colaboração com todos os parceiros educativos tendo em conta as necessidades do grupo de crianças, considerando sempre a observação, o planeamento, a ação e a avaliação. É também pretendido que exista um processo educativo contínuo, que se inicia na creche e que continua no jardim-de-infância e na transição que é realizada pelas crianças para o 1.º ciclo.

Cada sala de atividades contém o seu Projeto Pedagógico de Sala e o seu Plano de Atividades, de acordo com os interesses e necessidades específicas de cada grupo de crianças. Tal como é referido no *Site* da Instituição Cooperante, a criança é considerada como “um ser em desenvolvimento progressivo, individual e digno do mais profundo respeito, necessita de um local onde deva ser amada, respeitada na sua originalidade e ajudada a crescer harmoniosamente.” (Centro Social Interparoquial de Santarém, 2016). Nas atividades realizadas em creche são realçadas as intenções educativas que devem ser por sua vez promotoras do desenvolvimento global de cada área (cognitivo, linguístico, emocional, social e físico), é por isso fundamental o desenvolvimento global da criança no desenvolvimento motor, cognitivo, pessoal e social e no pensamento criativo.

## 1.2 Caracterização do grupo de crianças

A nossa PES III decorreu em contexto de creche, na sala de atividades da creche 2, com um grupo de crianças de um ano de idade. É um grupo constituído por catorze crianças, sendo que sete são crianças do sexo masculino e sete do sexo feminino.

Em geral, as crianças demonstraram uma boa adaptação ao contexto educativo, mostrando-se alegres e bem-dispostas aquando da separação das figuras de vinculação. Trata-se de um grupo, aparentemente, sem dificuldades de desenvolvimento em que apenas duas crianças ainda não adquiriram a marcha. Observou-se que todos conseguem exprimir os seus desejos, necessidades e desconfortos e praticamente todas as crianças comem sem o auxílio do adulto.

Através da observação que efetuamos ao grupo de crianças verificámos também que todos revelam autoconhecimento, demonstram preferência por determinados objetos, mantêm uma boa relação com os adultos e com os pares, antecipam as atividades de rotina e participam nas atividades da sala com alegria e entusiasmo. Atentamos também que compreendem pedidos ou ordens simples e mostram interesse por livros, bolas de plástico, animais de peluche e bonecos de plástico (*nenucos*).

No que concerne à área de desenvolvimento pessoal e social praticamente todas as crianças demonstram um autoconceito positivo, demonstrando preferência por objetos ou pessoas, expressando emoções adequadas perante diversas situações e usando gestos físicos ou sons para obter ajuda dos adultos. Em geral, todo o grupo demonstra autorregulação sobre o seu comportamento e todas as crianças reagem, virando a cabeça quando ouvem chamar pelo seu nome.

Verificou-se que é um grupo muito interessado no mundo que os rodeia., sempre disposto a explorar. Exploram todos os espaços e objetos à sua volta, em

especial os que despertam os sentidos, sendo que principalmente a audição e o tato, e mostram bastante agrado quando cantamos juntos ou ouvimos música e dançamos.

Este grupo de crianças é muito energético e bem-disposto. As crianças gostam de realizar novas descobertas e mostram orgulho e interesse nas suas conquistas. A maioria das crianças gosta de música; de histórias; de dança; de brincar ao esconde-esconde; e jogos que impliquem movimento. É um grupo afetuoso e que tem facilidade em expressar os seus sentimentos e recorrendo com frequência a demonstrações de carinho.

## 1.2.1 As rotinas do grupo de crianças

A rotina diária é muito importante para a criança, uma vez que proporciona uma sequência de acontecimentos que ela segue e compreende, ou seja, oferece-lhe uma estrutura dos acontecimentos do dia, permitindo que a criança antecipe os momentos que se vão seguindo, dando-lhe segurança e desenvolvendo a sua autonomia. Para Hohmann e Weikart (2009) “A rotina diária facilita as transições das crianças de casa para os contextos educativos ao criar um sentido de pertença a uma comunidade.” (p. 226).

Sendo assim, a rotina deste grupo de crianças da sala de um ano, é distribuída da seguinte forma conforme se pode ver no quadro X:

Horas	Rotina
9h/9h30	Acolhimento
9h30/9h40	Hora do pãozinho
9h50	Canções
10h	Higiene
10h10	Atividades livres/orientadas
10h40	Preparação para o almoço
11h	Almoço
11h30	Higiene
11h30	Sesta
14h30	Higiene
15h00	Lanche
15h30	Higiene
15h40	Brincadeira livre

Quadro 1: Rotina diária do grupo de crianças

## 2. Revisão da literatura

### 2.1 A valência de creche

A creche é, de acordo com Portugal (1998), “uma realidade e uma necessidade para milhares de famílias.” (p.14) E “surgem como um meio de cobrir as necessidades das famílias que, frequentemente por razões económicas, não podem de outro modo realizar a educação das suas crianças.” (p.123-124).

Tal como afirma Vasconcelos (2012) “A educação dos 0 aos 3 anos não pode, pois, ser obrigatória, mas deve ser universal, de modo que as famílias disponham de serviços de alta qualidade a quem entregar os filhos.” (p.9). Partilhamos da opinião de vários autores de que as famílias são um dos pilares mais importantes, diríamos mesmo, fundamentais na educação das crianças. Desta forma, “a relação pedagógica em creche passa por uma relação de respeito e cooperação com as famílias, nas suas necessidades, nos seus contributos para o desenvolvimento de um trabalho cooperado.” (Tavares, 2010, p.52)

Referindo Portugal (1998), na creche “As actividades incluem experiências sensoriais, motoras, linguísticas, exploratórias e de realização de tarefas determinadas.” (p.208) É “através da coordenação paladar, tacto, olfato, visão, audição, sentimentos e acções, são capazes de construir o conhecimento.” (Hohmann e Post, 2007, p.23)

Em qualquer idade, uma criança é um ser único, com características próprias que a distingue. De acordo com Cordeiro (2006) “Cada bebé é um ser único e insubstituível. Primeiro, porque tem uma configuração e uma matriz genética diferente de qualquer outro.” (p.29). É de referir que a importância dos “cuidados para as crianças deste grupo etário é ainda pouco expressiva e eficaz, uma vez que têm faltado políticas claras e um efectivo investimento público nas creches como respostas

educativas a que as crianças têm direito desde o nascimento.” (Matos et al., 2010, p.42).

Neste sentido,

É importante insistir na orientação no sentido da colocação de educadoras no berçário: os estudos recentes sobre vinculação demonstram a importância de um olhar conhecedor e atento ao processo de vinculação de cada bebé com o seu “cuidador” e com a família.

(Vasconcelos, 2012, p.12)

Como refere Portugal (1998) “As crianças que usufruíram da creche parecem adaptar-se melhor: estão mais à vontade em grupo, estão mais habituadas a regras colectivas e não são tão dependentes do adulto.” (p.177)

Consideramos que em contexto de creche, tendo em linha de conta diversos autores apresentados ao longo deste portefólio, é fundamental criar “um ambiente, onde os afectos são o pilar das aprendizagens, das descobertas que a criança realiza enquanto co-construtora da sua personalidade.” (Tavares, 2010, p.51).

Para Marchão (2003) “As primeiras etapas da vida devem permitir uma estabilidade afectiva e uma facilitação de aprendizagens significativas, encaradas numa perspectiva continuada e sempre inacabada” (p.14)

É fundamental compreender que a creche não tem nem deve ter a função de escolarizar mas sim de dar a oportunidade de experimentar, de vivenciar. De forma a “permitir que a criança seja activa na construção das suas próprias aprendizagens, assim como o seu desenvolvimento.” (Dias, Anastácio, Pinto e Correia, 2010, p.47).

Devido ao facto de considerarmos pertinente a existência de linhas orientadoras para esta valência, constatamos que é necessário a criação das mesma com o intuito de privilegiar o brincar em vez da escolarização precoce. Linhas orientadoras essas que valorizem o lúdico, a manipulação/experimentação, linhas

suficientemente flexíveis que se possam adequar a cada realidade e a cada grupo e que promovam aprendizagens significativas, que coloquem a tónica em cada conquista, em cada descoberta, sem esquecer que a criança é participante ativo na sua própria aprendizagem que deve ter poder de decisão e é construtor do seu próprio conhecimento. Assim sendo, por considerarmos fundamental a existência de linhas que orientem a valência de creche, posteriormente apresentaremos esta temática.

Com o intuito de dar continuidade à fundamentação referente ao trabalho em creche, seguidamente iremos apresentar a importância do papel do educador, focando-nos principalmente nesta valência.

## 2.2 O papel do (a) educador (a) na creche

O (a) educador (a) deve ter a capacidade de recuar à idade das crianças com as quais vai/está a trabalhar para assim conseguir construir um ambiente educativo acolhedor, seguro e que fomente o ímpeto exploratório das crianças.

Um (a) educador (a) de infância deve mostrar-se sempre disponível e presente para a criança (s), esta postura deve manter-se ao longo das duas valências (creche e jardim de infância), sendo que é mais essencial na valência de creche, tendo em conta a faixa etária destas crianças, pois são idades em que as crianças precisam de afeto, de colo, de mimos em doses redobradas.

De acordo com Mosquera e Stobaus (2006), a afetividade é fundamental para vida humana e que representa um dos aspetos mais significativos na construção de seres humanos mais saudáveis e especialmente, mais capazes de tomar decisões sábias e inteligentes. (p.125)

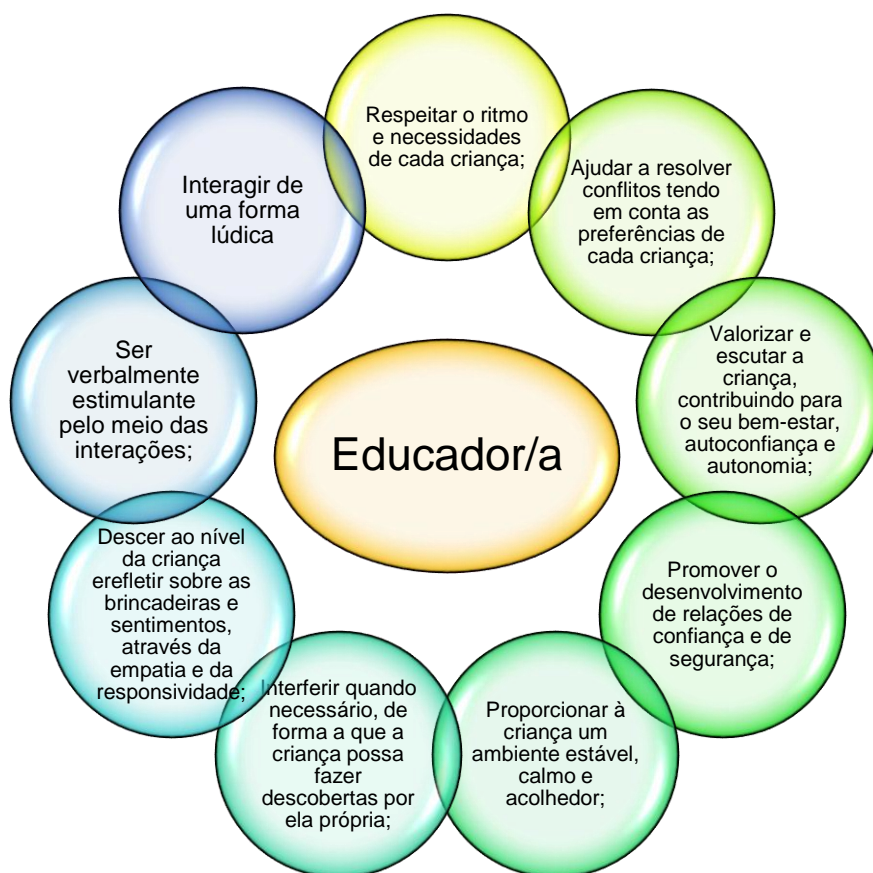
A relação de vinculação que o educador vai construindo com cada criança, ao longo das interações com a criança, esta vai sentindo-se mais segura e confiante durante as suas conquistas, porque percebe que tem alguém próximo dela que está lá para a ajudar e encorajar nas suas explorações, desta forma a criança adquire competências que lhe serão bastante úteis ao longo do seu desenvolvimento enquanto criança e mais tarde enquanto adulto.

Na mesma linha de pensamento, Fernandes (2012),

O educador não deve esquecer que a compreensão vai muito para além das palavras e, por isso, deve estabelecer uma ligação e laços de afeto com a criança. Desta forma, o papel do educador é fundamental, pois derradeiramente irá contribuir para a formação da cidadania da criança: como indivíduo crítico, autónomo, responsável e participante.

O educador, por ser responsável pelos cuidados diários da criança, por estimular as suas aprendizagens e por ser sensível e responsivo às suas necessidades, torna-se uma importante figura de vinculação para a criança. (p.9)

Um (a) educador (a) deve ter sempre presente, alguns itens descritos no esquema que se segue:



Esquema 1 – O papel do/a educador/a na creche

O/A educador (a) de infância também tem um papel importante no percurso da criança pelo meio da aprendizagem ativa, nomeadamente: compreender e apoiar a abordagem sensorial e corporal, respeitar e acomodar a necessidade constante que a criança tem de espaço, materiais e tempo de exploração, disponibilizar brinquedos seguros e grandes para prevenir que as crianças os engulam, desinfetar os brinquedos e materiais regularmente, estimular a curiosidade e a mobilidade, respeitar a necessidade de gatinhar, andar, correr e mexer ou transportar objetos de um lado para o outro e por fim criar ambientes seguros e espaçosos.

O/A educador/a relaciona-se com as crianças de modo a favorecer a necessária segurança afetiva com vista a promover a sua autonomia. Envolve as crianças em atividades incentivadas pelo próprio, pelo grupo, pela criança ou por todos, promove a cooperação entre as crianças com o intuito de todos se sentirem valorizados e integrados no grupo, envolve os familiares da criança e a comunidade nos projetos a por em prática. É fundamental no desenvolvimento afetivo, emocional e

social de cada criança e do grupo. O/A educador/a de infância, é aquele/a que promove um ambiente tranquilo á criança.

O/A educador/a tem um papel indispensável no quotidiano das crianças com idade inferior aos três anos, pois acompanha o seu desenvolvimento, planifica experiências educativas e rotinas com o propósito de promover autonomia nas tarefas do dia-a-dia das crianças.

A profissão de Educador de Infância é uma profissão exigente pois este tem de adaptar-se a cada momento do dia-a-dia da Educação do seu grupo de crianças, pensar e refletir sobre a sua prática nos variados contextos, nunca se esquecendo que transmite saberes às crianças e simultaneamente o que sabe de cada uma.

Em síntese, o/a educador/a tem um papel de extrema importância na vida das crianças, pois é visto por elas como um modelo, assim tudo o que o educador transmite às crianças elas vão assimilando e tomando esses ensinamentos como diretrizes para atuarem social, pessoal e profissionalmente, porque as aprendizagens/ensinamentos adquiridos na infância constituem as bases para a criança se tornar num Ser Humano, com valores, justo, equilibrado, compreensivo, responsável, consciente, entre outros aspetos.

De seguida vamos abordar o conceito de pessoa chave e a sua importância para um desenvolvimento positivo e securizante para as crianças pequenas.

## 2.3 A figura da pessoa “chave” na creche

Definição do conceito Pessoa Chave, pela visão de Post & Hohmann (2007),

No infantário, a educadora responsável por um grupo constitui uma “âncora” para cada criança, ou seja, é a pessoa em quem a criança pode confiar para ser tranquilizada, orientada e tratada com carinho e passar uns bons momentos no recreio. (p.63)

A existência desta pessoa é fundamental para assegurar o desenvolvimento de uma relação de proximidade baseada na confiança e afetividade de modo a tranquilizar a criança durante o tempo diário e temporário (anos de frequência no infantário) em que a criança se encontra na instituição. A estabilidade desta relação reduz consideravelmente o *stress* que a criança poderia vir a desencadear se tivesse constantemente a mudar de educadores.

Esta ligação faz com que a pessoa chave consiga interagir com a criança e também entender o que esta necessita através de monossílabas que imitem, por exemplo: o João quando quer água não diz a palavra (porque não consegue ou por preguiça) então diz “aba” e a pessoa chave entende que o João está a pedir água. De toda a comunidade educativa que compõem a creche, a criança é a única que não entende o porquê de estar naquele espaço físico.

De acordo com Goldschmied e Johnson (1994, p.37) citados por Post e Hohmann (2007),

As crianças mais novas com quem trabalhamos e que ainda não possuem uma linguagem que lhes permita expressar o que sentem, também precisam de relações especiais, e, em particular, precisam de facto que estas relações sejam imediatas e concretas. É neste pano de fundo daquilo que sabemos através da nossa experiência que devemos avaliar o significado que a pessoa chave (educador responsável) tem para a criança pequena. (p.65).

Contudo, a relevância da pessoa chave, não deve inviabilizar a criação de laços da criança com outro adulto, de modo a salvaguardar possíveis ausências da primeira no trabalho quer por motivos de doença, férias, etc... Para isso, é necessário proporcionar á criança relações de proximidade com outros adultos, adultos passíveis

de se transformarem também em pessoa chave, mas de um modo secundário, isto é, com os quais a criança também conseguirá estabelecer uma vinculação securizante, denominando-se esta vinculação, de vinculação secundária. Assim, a criança sentir-se-á confiante na presença de outro adulto que não a sua pessoa chave de referência.

A relação educador/a - criança é indispensável para o encorajamento de novas aprendizagens, porque o conhecimento obtido sobre o desenvolvimento da criança possibilita ao educador/a ser sensível às necessidades da mesma e criar estratégias para a obtenção de competências. Assim, a comunicação estabelecida com a criança promove a vinculação resistente e gera um crescimento progressivo na criança com a intenção de tornar-se num ser com iniciativa própria e criativo nas suas ações.

Acabamos referindo que, a pessoa chave transmite calor e respeito, fomenta o contato físico positivo através de gestos como: abraçar, segurar, baloiçar, fazer festas e dar colo. Reconhece com mais eficácia os sentimentos de prazer e/ou frustração das “suas” crianças.

De seguida, abordamos a relevância do envolvimento em contexto de Creche, nas primeiras idades o desenvolvimento/aprendizagem acontece, essencialmente, através das interações com adultos significativos, da criação de laços vincutivos, de jogos sociais, das interações com os objetos, da resolução de problemas diários, da exploração sensoriomotora do espaço e dos materiais, da repetição e por último, mas não menos importante, do envolvimento da criança em contextos de aprendizagem significativos.

## 2.4 O envolvimento na creche

O envolvimento é importante em todas as fases do desenvolvimento da criança, mas em contexto de creche talvez seja mais transparente a observação/avaliação deste fator, isto porque as crianças são muito pequeninas, genuínas e não conseguem esconder quando um material, atividade as envolve ou não.

Contudo, existem dois elementos que quando o/a educador/a recorre a eles, é praticamente garantido que vai haver envolvimento por parte da criança, estamos a falar dos elementos diversidade e estimulação, isto é, se o/a educador/a disponibilizar materiais diversificados e estimulantes as crianças desenvolverão o seu ímpeto exploratório e evidenciam vontade de experienciar e explorar os novos materiais que lhes foram disponibilizados e o/a educador/a assumirá nesse tempo de exploração livre um papel de mero espectador/observador/a das interações que as crianças desenvolvem com os materiais e entre pares.

Tal como referem Laevers e Portugal (2010),

Cabe ao educador a competência de pensar e disponibilizar situações estimulantes e carregadas de potencial desenvolvimental, sem formalização de objetivos específicos por atividade, mas, antes, formulando “**pontos de atenção**” e atendendo ao bem-estar emocional e implicação das crianças. Cabe ainda ao educador (que é também observador/avaliador), e na linha do que refere Roldão (2003), a competência de criar e conceber as situações que realmente servem para demonstrar se o aprendente se tornou ou não competente”, isto é, “se é capaz de mobilizar adequadamente diversos conhecimentos prévios, seleccioná-los e integrá-los adequadamente perante [uma] situação (ou problema, ou questão, ou objeto cognitivo ou estético, etc.). (p.41 e 42).

Existe uma relação entre o contexto educativo e o envolvimento das crianças nas experiências, ou seja, se o contexto educativo for estimulante as crianças evidenciam níveis altos de envolvimento. Por isso é fundamental perceber se o contexto educativo é apelativo para as crianças que ocupam esse espaço físico, se o espaço está organizado de modo a favorecer as aprendizagens das crianças, bem como se existem materiais lúdicos disponíveis para as crianças fazerem

aprendizagens significativas, pois é primordial que as crianças encontrem na sua sala estímulos que suscitem a realização de atividades intensas e conseqüentemente respondam aos domínios desenvolvimentais.

O processo de observação/avaliação do envolvimento é um processo complexo, mas que é desejável que se faça regularmente, sendo que para isso se efetivar solidamente seria de extrema importância ser feito em conjunto com outra colega, quer em termos académicos, quer em termos profissionais.

A avaliação formativa é a avaliação mais abrangente e mais sincera que se pode fazer tanto em contexto de creche, como em contexto de jardim-de-infância, bem como nos níveis de ensino que se seguem, desse modo seria essencial enquadrar estes dois elementos (bem-estar emocional e envolvimento) avaliativos na avaliação formativa.

Seguindo esta linha de pensamento, Castilho e Rodrigues (2011),

A avaliação na educação de infância assume uma dimensão marcadamente formativa, sublinhada pela ausência de avaliação certificativa. Assim, trata-se, essencialmente, de um processo sistemático, interpelativo e interpretativo que se interessa pelo acompanhamento dos processos e não exclusivamente pelos resultados (consideramos como resultado as aprendizagens e os progressos das crianças, embora não seja atribuída uma classificação), e em que a criança é protagonista da sua própria aprendizagem, participando ativamente de modo a que seja possível tomar consciência do que já conseguiu e das dificuldades que vai tendo e de como as vai ultrapassar. (p.82)

Para finalizar entendemos que a avaliação desenvolvimental das crianças não se resume a efetuar um inventário das capacidades adquiridas, das que estão em aquisição e das ausentes. O/A educador/a ao enveredar por este tipo de observação/avaliação do bem-estar emocional e do envolvimento das suas crianças, está simultaneamente, a refletir sobre as suas práticas educativas e isso abre-lhe o caminho para flexibilização e diversidade da sua ação pedagógica, uma ação consciente, personalizada, individualizada e abrangente a todo o grupo de crianças.

Devido ao facto de considerar o brincar como algo fundamental em contexto de creche e devido ao facto de uma de nós estar a realizar o trabalho de investigação relacionado com a temática brincar, de seguida, vamos aprofundar este tema.

## 2.5 O brincar na creche

Para Homem, Gomes, e Montalvão (2009)

O brincar é, por excelência, um modo de a criança conhecer e explorar o seu mundo. Além de lhe permitir conhecer a sua realidade, o brincar permite à criança desenvolver--se e estabelecer relações de afecto com o outro. E este crescimento e amadurecimento potenciado pelo brincar verifica-se ao nível do desenvolvimento global da criança, nas suas mais diversas competências. Estamos a referir-nos, entre outras, a competências como a criatividade, a auto-estima, a memória, a capacidade de concentração. Estas competências, desenvolvidas através do brincar, possuem um peso que influenciará todo o percurso da criança até a vida adulta. (p.43).

A criança deve ter um papel ativo nas atividades. Participar, faz com que as crianças aprendam através das experiências, ganhando, assim, motivação pelas suas conquistas. Tal como refere Cordeiro (2008), “As crianças desenvolvem-se assim através dos estímulos e da sua capacidade de observação, imitação e reprodução, mas com uma construção, imitação e reprodução, mas com uma construção contínua a partir do que já sabem.” (Cordeiro, 2008, p.33).

Assim sendo, para Homem (2009) “Cabe ao educador mediar as situações, aproveitando para interagir e transmitir conhecimentos através da brincadeira que ali se desenrola, uma vez que o lúdico possibilita uma das actividades mais significativas para a aprendizagem. Diríamos até a mais significativa!” (p.23) Infelizmente em muitos casos ainda “se encara a creche como uma pequena escola que prepara os pequeninos para um mundo de números, letras, regras e muitas actividades que

transformam as crianças em pequenos estudantes para que se tornem adultos mais bem sucedidos.” (Matos et al., 2010, p.43)

Homem (2009) menciona,

No dia-a-dia da sala de creche, o brincar, para além de possibilitar o exercício daquilo que é próprio no processo de desenvolvimento e aprendizagem, possibilita situações em que a criança constitui significados, sendo uma forma de assimilação dos papéis sociais e de compreensão das relações afectivas que ocorrem no seu meio, assim como para a construção do conhecimento. (p.23)

E que:

Através do brincar, a criança conhece o Mundo, e com ele, conhece as pessoas, as relações e regras sociais; pode imitar o adulto, expressando conflitos, além de, ao brincar, serem transmitidos conhecimentos educacionais e este ser igualmente um indicativo do desenvolvimento da criança. (Homem, 2009, p.23).

Segundo Hohmann e Post (2007) “Para aprenderem e crescerem, as crianças precisam de um ambiente emocionalmente rico.” (p.31) para isso, é necessário um “Contacto físico positivo, incluindo acariciar, abraçar, segurar, baloiçar, pegar ao colo.” (35) e ainda acrescentam que “Num ambiente desafiante, dadas as oportunidades e interacções adequadas, as crianças muito pequenas agem com crescente autonomia e independência.” (p.28) “Conforme os bebés e as crianças mais jovens vão descobrindo objectos através do explorar e do brincar, começam a estabelecer as bases para a compreensão da quantidade e do número.” (p.48)

Ter oportunidade de escolher como, com quem e com quem brincar, na creche ou no jardim-de-infância, permite à criança desenvolver os seus interesses, tomar decisões, resolver problemas, correr riscos e tornar-se mais independente. Ao brincar, a criança exprime a sua personalidade e singularidade, desenvolve curiosidade e criatividade, estabelece relações entre aprendizagens, melhora as suas capacidades relacionais e de iniciativa e assume responsabilidades (Ministério da Educação, p. 12).

Por último, ainda que, do nosso ponto de vista, de extrema importância, fazer referência à necessidade de linhas orientadoras em contexto de creche. Esta escolha deve-se ao facto de existir apenas orientações para a educação pré-escolar e de não existir nenhum documento que oriente os/as educadores/as nesta valência tão importante e fundamental.

## 2.6 A necessidade de linhas orientadores em creche

Seguindo o pensamento apresentada anteriormente e tal como refere Portugal (1998) “sabemos que a creche, além de constituir um serviço à família, pode responder às necessidades educativas dos mais pequenos.” (p.124). A creche tem características próprias que a distingue dos outros níveis de ensino, visto que nesta valência não existem conteúdos programáticos, nem currículo próprio, porém é cada vez mais notória a necessidade de encontrar linhas orientadoras.

No que concerne às Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016), este documento afirma que

Apesar de a legislação do sistema educativo (Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei Quadro da Educação Pré-Escolar) incluir apenas a educação pré-escolar a partir dos 3 anos, não abrangendo a educação para os 0-3 anos (creche), considera-se, de acordo com a Recomendação do Conselho Nacional de Educação, que esta é um direito da criança. Assim, importa que haja uma unidade em toda a pedagogia para a infância e que o trabalho profissional com crianças dos 0 aos 6 anos tenha fundamentos comuns e seja orientado pelos mesmos princípios.

(p.5)

Para Portugal (1998) “A maior parte das pessoas são unânimes quando dizem que a creche não é apenas um local de guarda das crianças, mas sobretudo um meio educativo.” (p.124). Por isso, para Vasconcelos (2012) “é urgente que o Ministério da Educação (em concertação com o Ministério do Trabalho e da Segurança Social - MTSS) se responsabilize pela elaboração de um documento sobre Linhas Pedagógicas Orientadoras para o Trabalho dos 0 aos 3 anos” (p.11).

De acordo com Vasconcelos (2012) “as crianças dos 0 aos 3 anos têm, tal como dos 3 aos 5, o direito a um atendimento orientado não apenas para os “cuidados” e o apoio às famílias, mas igualmente para a qualidade nas propostas educativas.” (p.7).

Assim sendo, “persiste a necessidade de expansão da rede de cuidados para a infância (...), de modo a corrigir assimetrias regionais e as limitações existentes nos grandes centros urbanos.” E “Mantém-se a necessidade de aprofundar a intencionalidade educativa da oferta na primeira infância.” (Bettencourt, 2012, p.5)

Porém, existe um aumento do número de creches, tal como é possível verificar em inúmeros locais do nosso país. Contudo, como refere Vasconcelos (2012),

Este aumento de taxa de cobertura não corresponde à melhoria da qualidade educativa das creches (...) e não desbloqueou a situação de injustiça social que se prende com a não contabilização como serviço docente do trabalho dos educadores nesta modalidade de atendimento, o que provoca um êxodo sistemático dos profissionais das creches para o trabalho com o nível etário dos 3 aos 5 anos. (p.7)

Contudo é importante ter em conta alguns aspetos fundamentais para o desenvolvimento e bem-estar da criança, nomeadamente, que os bebés e as crianças com idades inferiores a 3 anos de idade aprendem envolvendo todo o corpo e todos os sentidos; aprendem porque sentem vontade disso; comunicam utilizando o que sabem e aprendem tendo em conta um contexto de relações de confiança, bem como envolvimento. (Hohmann e Post, 2007, p.22-23).

### **3. Projeto de intervenção**

#### **3.1 Objetivos do projeto de intervenção e sua justificação**

De acordo com Figueiredo (2007),

É importante, que o educador saiba, que mais ninguém consegue ter experiências pela criança ou desenvolver conhecimento por ela. As crianças têm, elas próprias de fazê-lo. Por isso, os bebês e as crianças mais novas aprendem fazendo, porque a nível cognitivo, os seus jovens cérebros estão particularmente predispostos para a acção. (p.3)

Para a execução do presente projeto, considerámos o tema do projeto educativo da instituição “Educar para Saber Sorrir”, o projeto pedagógico da sala com o mesmo tema, as conversas informais com a educadora cooperante, que nos indicou algumas propostas e por último considerámos também as nossas observações do grupo.

Assim, depois dos dias de observação das atividades da prática pedagógica, notámos que as atividades se concentravam no estímulo e evolução das capacidades de cada criança, primando a individualidade de cada criança, assim como o seu ritmo. Observámos também a rotina das crianças, as atividades não orientadas e o meio envolvente.

Deste modo, elaborámos o nosso projeto em torno das nossas observações e das conceções que temos acerca das experiências que as crianças da presente faixa etária devem ter, experiências essas que passam pelo desenvolvimento e estimulação sensório-motor, nomeadamente: exploração de diferentes materiais quer de forma orientada quer de forma não orientada, danças, dramatização de pequenas histórias, canções e lengalengas.

Como tal, o tema do nosso projeto é: “Na creche tudo acontece!”

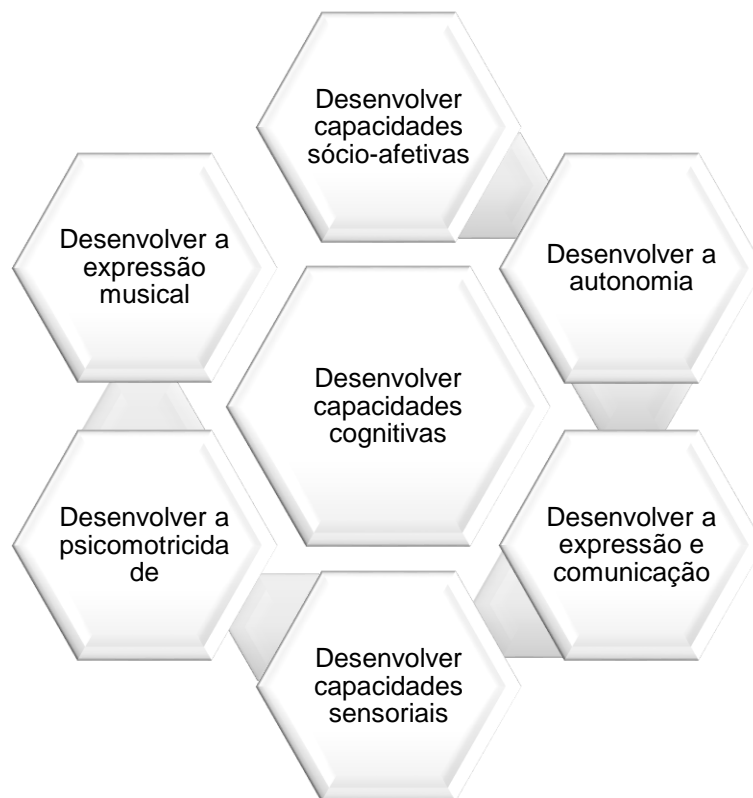
Tal como referem, Post & Hohmann (2007),

Quando o ambiente proporciona uma panóplia de cenários, texturas, sons, cheiros e sabores interessantes e é,

simultaneamente, convidativo e apoia com segurança a exploração activa destas coisas por parte das crianças, estas são capazes de sentir conforto psicológico. Protegidos de espaços apinhados com coisas, de cantos perigosos, de objectos a deslizar e a cair e de superfícies escorregadias, aventuram-se a examinar o seu mundo sensorial imediato. Num contexto físico acolhedor e amistoso que não é pressentido como um “campo de batalha”, as crianças podem sentir-se felizes com as suas aventuras e confiarem em si próprias enquanto empreendedoras de aventuras. Ao mesmo tempo que os educadores proporcionam às crianças novos interesses e aventuras seguras, podem também incluir alguns elementos a que as crianças estão habituadas, de forma a fazê-las sentirem-se em casa quando estão no infantário. (p.107)

Com o nosso projeto de intervenção pretendemos alcançar a linha de pensamento presente na citação anterior, dando respostas aos interesses e às necessidades das crianças e estimular através de diferentes atividades lúdicas o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança nas várias áreas a saber: a) psicomotricidade; b) cognitiva; c) linguagem e d) pessoal e social.

Temos como objetivos gerais do projeto:



Esquema 2 – Objetivos gerais do projeto

Em termos de objetivos específicos estabelecemos os seguintes: a) Estimular a coordenação de movimentos; b) Desenvolver a memória visual e auditiva; c) Desenvolver a motricidade fina; d) Estimular a relação afectiva adulto/criança, criança/criança; e) Expressar emoções; f) Estimular o gosto pela música; g) Estimular a linguagem oral e a comunicação; h) Estimular na exploração e na localização dos objetos; i) Expandir o reconhecimento de sons; j) facultar à criança a ligação com os instrumentos musicais.

Planeamos também desenvolver o presente projeto em torno das temáticas das respetivas investigações, ou seja, em torno do brincar e em torno do envolvimento das crianças (temáticas que iremos aprofundar na fundamentação teórica).

No que respeita às nossas finalidades, achamos fundamental:

- Fazer com que o grupo aprenda a escutar e a cumprir o que lhes é solicitado;
- Mostrar às crianças a importância de saber esperar pela sua vez;
- Incentivar à compreensão dos momentos de rotina;
- Incentivar os hábitos de higiene;
- Facultar situações que promovam as capacidades sensitivas;
- Facultar situações que promovam o contato com o meio envolvente, permitindo a sua exploração;
- Facultar momentos que promovam segurança e desenvolvam a auto-estima das crianças;
- Desenvolver atividades que estimulem a curiosidade, o desejo de exploração, de aprender e de ligação ao mundo;
- Envolve-las nas atividades e brincadeiras.

No decorrer do nosso projeto tentaremos fomentar situações e atividades que incitem as crianças às interações com o meio envolvente, com os pares e com os adultos presentes na sala, porque as crianças pensam e sentem o mundo de uma forma muito genuína.

As atividades propostas e dinamizadas proporcionarão uma melhor compreensão sobre o comportamento de cada criança perante novas situações, objetos e pessoas, e em simultâneo gerar-se-à uma maior proximidade entre o adulto e a criança.

Durante todo o projeto damos realce aos momentos de rotina, bem como a todos os cuidados que cada criança precisa, porque para nós os momentos de rotina e de atividades lúdicas (orientadas ou não) são igualmente importantes. Pois ambas permitem criar momentos singulares de interação e de aprendizagens sensoriais, comunicativas e atitudinais.

Em suma, as atividades sugeridas facultarão às crianças o contacto com diferentes materiais, texturas e suportes, de modo a desenvolver as capacidades expressivas, de comunicação e estimular a curiosidade inata das crianças.

## 3.2 Intencionalidades na rotina

A rotina diária é muito importante para a criança, uma vez que proporciona uma sequência de acontecimentos que ela segue e compreende, ou seja, oferece-lhe uma estrutura dos acontecimentos do dia, permitindo que a criança antecipe os acontecimentos que se vão seguindo, dando-lhe segurança e desenvolvendo a sua autonomia. Este grupo de crianças da sala de 1 ano, como seria espectável, tem uma rotina, ainda que esta possa ser mais ou menos flexível.

Para Hohmann e Weikart (2009) “A rotina diária facilita as transições das crianças de casa para os contextos educativos ao criar um sentido de pertença a uma comunidade.” (p. 226). Deste modo, a rotina envolve diversas intencionalidades que contribuam para o desenvolvimento harmonioso da criança. Assim sendo, a tabela abaixo apresenta objetivos pedagógicos e algumas estratégias que fazem parte dos momentos da rotina.

<b>Momento</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Estratégias</b>
<b>Acolhimento</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolver competências sociais (cumprimentar o outro);</li><li>• Promover o bem-estar da criança: segurança, confiança e autoestima;</li><li>• Promover competências comunicativas e expressivas/linguagem oral.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Incentivar a criança a falar e valorizar o que ela diz, colocando-lhe questões;</li><li>• Recorrer a conversas com a criança;</li><li>• Dizer bom dia às crianças e pedir para que elas digam</li></ul>

		bom dia, tando aos adultos como às outras crianças.
<b>“Hora do pãozinho”</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a autonomia;</li> <li>• Desenvolver competências sociais (obrigada/o);</li> <li>• Promover competências comunicativas e expressivas/linguagem oral;</li> <li>• Promover o bem-estar físico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivar a criança a comer sozinha e de forma correta;</li> <li>• Estar atento/a às necessidades das crianças (engasgar, se alguma criança quer mais);</li> <li>• Incentivar a criança a expressar-se (queres mais? É bom o pão? Gostas? Não tens fome?)</li> </ul>
<b>Atividades orientadas/livres</b>	-	-
<b>Higiene/Preparação para o almoço</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o bem-estar da criança;</li> <li>• Reconhecer os pertences de cada criança;</li> <li>• Promover a interação adulto-criança;</li> <li>• Promover competências comunicativas e</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversar com a criança;</li> <li>• Explicar o que se está a fazer;</li> <li>• Dar afeto/carinho.</li> </ul>

	expressivas/linguagem oral.	
<b>Almoço</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o bem-estar da criança;</li> <li>• Promover a autonomia;</li> <li>• Desenvolver competências sociais (comer a colher; não atirar comida fora do prato; não atirar o prato para o chão);</li> <li>• Promover competências comunicativas e expressivas/linguagem oral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivar as crianças a comerem sozinhas;</li> <li>• Estar atento às necessidades (engasgar; se alguma criança quer mais);</li> <li>• Incentivar a criança a expressar-se (dizer o nome dos alimentos que estão a comer; queres mais? É bom? Não gostas?);</li> <li>• Reforçar positivamente: estar atento e dar incentivo.</li> </ul>
<b>Sesta</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o descanso e bem-estar da criança;</li> <li>• Promover a autonomia da criança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estar atenta;</li> <li>• Dar carinho e aconchego;</li> <li>• Estar disponível.</li> </ul>
<b>Higiene</b>	Ver acima	Ver acima
<b>Lanche</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o bem-estar da criança;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incentivar as crianças a comerem</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover a autonomia;</li> <li>• Desenvolver competências sociais (comer a colher; não atirar comida fora do prato; não atirar o prato para o chão);</li> <li>• Promover competências comunicativas e expressivas/linguagem oral.</li> </ul>	<p>sozinhas;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estar atento às necessidades (engasgar; se alguma criança quer mais);</li> <li>• Incentivar a criança a expressar-se (dizer o nome dos alimentos que estão a comer; queres mais? É bom? Não gostas?);</li> <li>• Reforçar positivamente: estar atento e dar incentivo.</li> </ul>
<b>Higiene</b>	Ver acima	Ver acima
<b>Brincadeira livre</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participar em momentos de faz-de-conta;</li> <li>• Promover aprendizagens significativas – Motor, Pessoal e Social, Cognitivo, Auditivo, Linguagem;</li> <li>• Desenvolver a criatividade;</li> <li>• Desenvolver a imaginação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conversar e interagir com as crianças nas suas brincadeiras;</li> <li>• Questioná-las acerca das brincadeiras (ex. O que estás a fazer? Vais mudar a fralda ao bebé? O bebé tem</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Promover a partilha;</li><li>• Promover a interação criança-criança/adulto-criança;</li><li>• Expressar emoções;</li><li>• Desenvolver a memória visual e auditiva;</li><li>• Estimular o gosto pela música;</li><li>• Estimular na exploração e na localização de objetos;</li><li>• Promover competências comunicativas e expressivas.</li></ul>	sono? Onde está a barriga do bebé? E a barriga da Maria?...)
--	--	--


### 3.3 Planificações e avaliações diárias


#### 3.3.1 Planificação e avaliação de 22 a 25 de novembro

(Sofia Pimenta)

<b>Semana 1 – 22 a 25 de novembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Massa mágica</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
22 e 23 de novembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Caixa surpresa; Alguidar de plástico; Farinha Maizena; Corante alimentar; Água; Mesa; Bibes de plástico.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"><li>• Cognitiva;</li><li>• Psicomotricidade;</li><li>• Pessoal e Social;</li><li>• Linguagem.</li></ul>		<ul style="list-style-type: none"><li>• Desenvolver o controlo da motricidade fina;</li><li>• Explorar novas texturas;</li><li>• Estimular a curiosidade;</li><li>• Alargar o vocabulário;</li><li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato.</li></ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária coloca a mesa na casa de banho. Chama duas crianças, veste os bibes plásticos às crianças. De seguida, coloca os materiais em cima da mesa (que estão dentro de uma caixa surpresa). Em conjunto com as crianças, juntam os ingredientes no alguidar, de modo a fazerem a massa. As crianças exploram livremente a massa mágica. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas. Repete-se o processo até que todas as crianças tenham realizado a atividade/experiência.	

<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Cinco no primeiro dia e oito no segundo dia.
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Duas crianças de cada vez;</li> <li>○ Mudança de estratégia segundo dia, ou seja, a estagiária fez primeiro a massa e só depois chamou as crianças e colocou a massa em cima da mesa, já na presença das crianças (a educadora cooperante disse que nestas idades não é muito relevante que as crianças assistam ao processo desde o início).</li> </ul>
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Massa fria (a água utilizada foi água morna) mas fica fria rapidamente;</li> <li>○ O querer fazer a massa em conjunto com as crianças;</li> <li>○ No primeiro dia, o alguidar era fundo e ao ser colocado em cima da mesa, evitou que as crianças vissem a confeção da massa;</li> <li>○ Condicionantes de tempo;</li> <li>○ Espaço físico (casa de banho) é um sítio que as crianças não gostam de estar muito tempo (notámos isso nas semanas anteriores).</li> </ul>
<b>Reação das crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Algumas crianças não reagiram à nova experiência, isto é, nem chegaram a colocar as mãos, diziam logo que não queriam.</li> <li>○ Outras crianças exploraram, mas não</li> </ul>

	evidenciavam entusiasmo.
<b>Viabilidade de repetição</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Total!</li> <li>○ Queremos perceber o que motivou as reações negativas das crianças e a educadora cooperante também sugeriu que se volte a repetir, porque ela própria quer perceber se as reações negativas, têm sobretudo a ver com o corante ou se é somente por se tornar uma massa fria;</li> </ul>
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
<b>F*****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
				<b>X</b>	
<b>Descrição:</b> A estagiária vestiu o bibe à criança e colocou a massa em cima da mesa. Esta mostrou vontade em colocar logo a mão. A estagiária foi interagindo sempre com a criança: <b>E:</b> Gostas F*****? <b>F****:</b> sim. <b>E:</b> Olha tão giro (a massa a					

escorregar pela mão)!!!  
 F\*\*\*\* brincava com a massa que caia em cima da mesa ou da mão dele.  
 Mostrou-se concentrado, tranquilo, confiante e manteve-se bastante tempo na atividade.



**Avaliação do envolvimento**

Criança:	Grau de envolvimento				
M*****	1	2	3	4	5
			X		

**Descrição:**  
 A M\*\*\*\*\* estava bastante curiosa, sempre a espreitar os amigos e a dizer que também queria.  
 Quando a chamámos e depois de lhe vestir o bibe, a M\*\*\*: Não quero fazer!  
E\*\*\*\*: Mexe com a tua mão, olha aqui (a estagiária colocou a mão da criança na massa), tão giro!!!! A criança afastou a mão da massa, mas manteve-se sempre a observar o amigo que estava a explorar a massa. Evidenciou curiosidade no início (ao espreitar os amigos e a dizer que queria fazer), mas depois (achamos que tem a ver com a cor da massa) mostrou insegurança e desinteresse pela






nova experiência, ainda assim,  
permaneceu sempre muito  
tranquila.



<b>Semana 1 – 22 a 25 de novembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Caixa divertida</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
24 de novembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	2 Caixas de cartão; Diferentes tipos de papéis (jornal, celofane, seda, papel de embrulho)
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir destreza na rasgagem de papel;</li> <li>• Mostrar interesse por explorar novos materiais;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária coloca os diferentes tipos de papéis dentro das caixas de cartão e coloca as mesmas na sala de atividades, espalhadas no chão. Deixa que as crianças se aproximem e explorem livremente. Interage com elas, questionando-as sobre as sensações sentidas.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas</b>		Dez	
<b>Pontos positivos</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Os diferentes tipos de papéis, nomeadamente o papel celofane, porque ao coloca-lo em frente dos olhos ficavam surpreendidos por verem as coisas de outra cor.</li> </ul>	

<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Não se evidenciou nenhum. Somente uma criança revelou precisar de algum tempo para se envolver na atividade.</li> </ul>
<b>Reação das crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Bastante positiva.</li> </ul>
<b>Viabilidade de repetição</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Alguma, para perceber se existe evolução ou não. Pois como estarão mais crescidos, talvez revelem outras atitudes e brincadeiras ao manusearem os diferentes papéis.</li> <li>○ Queremos também acrescentar algo diferente à atividade, mas ainda estamos a pensar o quê e como fazer.</li> </ul>
<b>Fotografias</b>	 <p>The 'Fotografias' section contains four circular images. The top-left image shows a child in an orange shirt and blue pants standing in a hallway, holding a green object. The top-right image shows a child in an orange shirt sitting on a blue mat, looking at a paper with a drawing. The bottom-left image shows two children on a blue mat; one is holding a paper with a yellow smiley face. The bottom-right image shows two children, one in a dark jacket and one in an orange shirt, looking at a green object held by the child in the dark jacket.</p>

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
<b>Md*****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
		X			
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Quando colocámos as caixas divertidas, todas as crianças se deslocaram em direção às mesmas, excetuando uma criança. A Md*** não mostrou curiosidade/interesse pela atividade, tendo-se encostado de imediato à parede, colocando as mãos atrás das costas.</p> <p><b>E:</b> Olha aqui o papel Md***, mexe! É tão giro! Estou a ver-te de outra cor!!!</p> <p>A Md*** não se aproximou da estagiária mas também nunca desviou o olhar dos amigos. Passado alguns minutos, verificámos que a Md*** se tinha sentado num canto da sala e segurava um papel.</p> <p>Observámos que continuava a não evidenciar entusiasmo, mas aos poucos foi interagindo com os papéis.</p> <p>A Md*** revelou concentração, mesmo não estando envolvida na</p>	  				

atividade, pois observava os amigos, permaneceu sempre tranquila.

Achamos que esta criança talvez precise de algum tempo até se envolver e participar nas atividades.

**Avaliação do envolvimento**

<b>Criança:</b>	<b>Grau de envolvimento</b>				
<b>R*****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
					<b>X</b>

**Descrição:**

O R\*\*\*\* mostrou-se bastante entusiasmado com a atividade, explorou as caixas, os papéis de diversas maneiras nomeadamente (como se pode ver nas imagens ao lado), explorou com a boca, os olhos e as mãos.


Evidenciou concentração, felicidade, vitalidade do princípio ao fim da atividade. Mostrou também estar desperto para novos estímulos (quando ouvia barulho “o agitar dos papéis com as mãos”), olhava para perceber de onde vinha aquele barulho e depois tentava imitar.

Esteve sempre motivado, interessado, nunca se abstraiu da atividade, ou seja, esteve envolvido do princípio ao fim da atividade.

Esteve mentalmente ativo.



<b>Semana 1 – 22 a 25 de novembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Mosca traquina</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
25 de novembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Mata-Moscas decorados com feltro; Balões coloridos; Guizos.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade fina e intersegmentar;</li> <li>• Mostrar interesse por explorar novos materiais;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária coloca os balões dispersos pela sala e dá os mata-moscas decorados com feltro (escondidos na caixa surpresa) às crianças. Estas tentam acertar nos balões e a estagiária vai observando as reações e intervindo.</p> <p>Ao longo da atividade os adultos cantam a canção: “O balão do João”.</p>	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas:</b>		Dez	
<b>Pontos positivos:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Interação com os dois objetos constituintes da atividade separadamente;</li> </ul>	

<b>Pontos negativos/ Constrangimentos:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As crianças não perceberam que deviam usar os dois objetos em simultâneo;</li> <li>○ Mostrámos primeiro os balões e só depois os “mata-moscas”.</li> </ul>
<b>Reação das crianças:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Positiva;</li> </ul>
<b>Viabilidade de repetição:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Total, para perceber se nessa altura já conseguem utilizar os dois objetos em simultâneo;</li> <li>○ Inverter a ordem dos objetos mostrar primeiro os “mata-moscas” e só depois os balões.</li> </ul>
<b>Fotografias:</b>	

<b>Avaliação do envolvimento</b>					
<b>Criança:</b>	<b>Grau de envolvimento</b>				
<b>C****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
					<b>X</b>

**Descrição:**

As crianças já estavam mais focadas nos balões, quando mostrámos os objetos. Mas a C\*\*\* andou o tempo todo da atividade agarrada aos “mata-moscas” interagindo com eles. De vez em quando com a ajuda do adulto tentava tocar com o “mata-moscas” nos balões e ficava muito contente quando isso acontecia, mas depois voltava rapidamente a concentrar-se só no “mata-moscas”.

Revelou concentração, vitalidade, tranquilidade, felicidade, mostrando-se (todo o tempo que durou a atividade) bastante ativa, na exploração de um dos objetos, motivada, interessada, receptiva a novos estímulos (quando o adulto a incentivou a tocar nos balões) e dançava a música que os adultos estavam a cantar (“O balão do João”), estava mentalmente ativa e muito envolvida na nova experiência.

**Avaliação do envolvimento**

<b>Criança:</b>	<b>Grau de envolvimento</b>				
<b>M. I*****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
				<b>X</b>	
<b>Descrição:</b>					
A M. I**** mostrou-se muito					

interessada pelos balões, mas não por todos, ela “estabeleceu um critério”, ou seja, só interagiu com os balões cor de rosa.

E: M.I\*\*\*\* olha o balão verde, toma!

M.I\*\*\*\*: Não. Este (ia buscar o balão cor de rosa)!

Evidenciou concentração durante toda a atividade, e dançava a canção que os adultos iam cantando “O balão do João”.

Esteve envolvida desde o início até ao fim da atividade, mostrava confiança nela própria, estava feliz, tranquila motivada, interessada e mentalmente ativa. Mas não desfrutou completamente da atividade, pois quando não tinha o balão cor de rosa, ficava à espera que ele regressasse para as suas mãos.



### 3.3.2 Planificação e avaliação de 29 de novembro a 2 de dezembro (Magda Antunes)

Semana 2 – 29 de novembro a 2 de dezembro de 2016			
Atividade: Tapete colorido			
Data/s:	Duração aproximada:	Participantes:	Materiais:
29 de novembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Manga plástica; Tintas de várias cores; Fita-cola larga transparente.
Área de desenvolvimento:		Objetivos pedagógicos:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Expressão e comunicação.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar descobertas com experiência ativa;</li> <li>• Desfrutar da manipulação de novos materiais e sensações;</li> <li>• Desenvolver a curiosidade em explorar materiais e realizar diferentes ações sobre eles;</li> <li>• Reproduzir verbalmente as sensações sentidas.</li> </ul>	
Descrição da atividade:		A estagiária abre a manga plástica no chão e coloca pingos de tinta em várias zonas da manga plástica. Por fim, veda a manga plástica com a fita-cola larga transparente e “fixa-a” ao chão, utilizando também a fita-cola. Deixa as crianças explorarem livremente.	
Instrumentos de avaliação/reflexão:		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	

<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	12 crianças
<b>Pontos positivos</b>	<p>Todas as crianças, à exceção de apenas uma, demonstraram interesse e curiosidade em tocar no plástico. Quando pressionavam o plástico com o dedo, a mão ou o pé, notava-se na cara das crianças o espanto, devido ao facto de verem a tinta a espalhar e as mãos não ficarem com tinta.</p> <p>O produto final da exploração foi colado na porta da sala, fazendo o efeito de pinheiro de Natal.</p> <p>Cada vez que as crianças passam pela porta, continuam a explorar a manga plástica.</p>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<p>Senti que o tempo de concentração das crianças na exploração da manga plástica com tinta foi reduzido, sendo que esperava um tempo um pouco maior. Senti também que devido ao facto da exploração ter ocorrido no WC (este local foi sugerido pela educadora cooperante, com receio de que a tinta saísse do plástico e sujasse o chão da sala, sendo que depois de limpo as crianças poderiam escorregar e se magoar) foi algo constrangedor para elas, visto que demonstraram necessidade e interesse em explorar a manga plástica com tinta e retomar as brincadeiras anteriores, sendo que voltaram várias vezes à exploração do plástico. Isto é, se</p>

	<p>a exploração tivesse ocorrido no chão da sala de atividades, as crianças poderiam ter a opção de brincar livremente e explorar a manga plástica sempre que sentissem essa vontade, o que não aconteceu no WC, ainda que algumas tenham voltado ao WC várias vezes, para explorar a manga plástica.</p>
<p><b>Reação das crianças</b></p>	<p>Foi uma experiência novas para todas as crianças, visto que nunca tinham realizado nenhuma exploração do género.</p> <p>Quando comecei a colocar a tinta dentro do plástico as crianças aproximaram-se logo da porta da casa de banho, querendo entrar. Duas crianças começaram a chorar, querendo mesmo entrar no WC.</p> <p>Quando as crianças começaram a mexer no plástico e viram a tinta a dispersar-se foi muito interessante ver a reação delas: “Ahh. Ahhh!”</p> <p>Várias crianças mexiam no plástico e se seguida olhavam para as mãos e faziam expressões de admiração, uma vez que não tinham ficado com tinta nas mãos.</p> <p>Uma das crianças, e apenas esta, não quis fazer a exploração com as mãos, tendo apenas andado sobre o plástico e observado a dispersão da tinta. Esta mesma criança, ainda que não tenha tocado com as mãos no plástico, pediu-me para lavar as mãos.</p>
<p><b>Viabilidade de repetição</b></p>	<p>Considero que a exploração do plástico com tinta correu bem, sendo perfeitamente viável a sua repetição. Contudo, caso a repetição ocorresse, optaria por colocar a manga plástica com tinta no chão da sala de atividades. Ao fazer esta alteração, considero que as crianças iriam</p>

usufruir muito mais da exploração, uma vez que poderiam realizar a exploração quando quisessem, regressando às suas brincadeiras sempre que pretendessem.

**Fotografias**



Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Md**	1	2	3	4	5
		X			
<p><b>Descrição:</b></p> <p>A Mad** entrou no WC por vontade própria, tendo sido uma das crianças a permanecer o tempo todo junto à porta, a pedir para entrar. Eu estava sentada na outra ponta da manga plástica, com uma criança ao meu colo, e a Mad** contornou a manga plástica, sem lhe tocar. Chegou junto de mim e disse-lhe para ela mexer no plástico e ela recolheu as mãos e fez uma expressão de quem estava chateada. Incentivei-a então a andar sobre o plástico e assim o fez. Tentei algumas vezes que ela tocasse no plástico, dizendo-lhe que era giro e que não sujava as mãos, mas a Mad** nunca quis tocar com as mãos. Não insisti mais. No final, quando ela não quis estar mais a explorar com os pés, pediu-me para lavar as mãos, puxando pela minha mãe e apontando para a torneira.</p>					
Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Franc**	1	2	3	4	5
				X	

**Descrição:**

O Franc\*\* entrou no WC com um sorriso radiante na cara e foi a correr para cima da manga plástica. Assim que pisou, sentou-se e começou logo a mexer com as mãos. À medida que a tinta se espalhava o Franc\*\* olhava para mim e dizia “ahhh”. A sua expressão era de admiração, ao ver a tinta a espalhar e ao mesmo tempo o Franc\*\* ria-se. Em vários momentos saiu da zona da manga plástica, indo até vários pontos do WC, brincando com algo que encontrava. Contudo, voltou diversas vezes para explorar a tinta. Num desses “passeios” o Franc\*\* trouxe um carro e sentou-se na manga plástica e esteve a passar com o carro sobre a tinta e a observar a marca deixada pelas rodas do carro. No final, o Franc\*\* não quis sair do WC, ficando a explorar a manga plástica enquanto fazíamos a higiene às outras crianças.



### 3.3.3 Planificação e avaliação de 6 a 9 de dezembro (Sofia Pimenta)

<b>Semana 3 – 06 a 07 de dezembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Túnel Agitado</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
06 de dezembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Arcos de ginástica; Manga plástica; Braçadeiras plásticas (prender a manga plástica aos arcos); Plástico de bolhas; Animais; Trapilho.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade intersegmentar;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido táctil, visual e auditivo.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária constrói antecipadamente o túnel, fixando a manga plástica aos arcos, colocando um pouco de plástico de bolha no interior do túnel (fica junto ao chão) e na parte de cima do túnel coloca vários objetos de plástico que imitem som ao tocar com as mãos ou a cabeça.</p> <p>Posteriormente a esta fase, a estagiária coloca o túnel na sala de atividades</p>	

	<p>deixando que as crianças se aproximem. Depois incentiva-as a entrar no túnel e a tocar nos diversos objetos.</p> <p>Ao longo da atividade a estagiária interage com as crianças, questionando-as sobre as sensações sentidas.</p>
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Treze
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A transparência do túnel, porque foi promotor de confiança e segurança para as crianças, ou seja, como tinham visibilidade para a sala e para o interior do túnel isso transmitiu-lhes segurança para entrarem e explorarem;</li> <li>○ Os objetos, os animais lá colocados e o plástico bolha também os deixou curiosos, envolvidos e interessados;</li> <li>○ O plástico de bolha em particular deixava-os espantados porque ouviam as bolhas rebentar, mas não percebiam que eram eles próprios ao passarem com as mãos, os joelhos e os pés que desencadeavam o rebentamento das bolhas;</li> </ul>
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>	A presença de duas pessoas junto do túnel, ou seja, uma em cada extremidade, para

	evitar que este rolasse pela sala.
<b>Reação das crianças</b>	Bastante positiva. Algumas queriam permanecer lá de dentro durante toda a atividade (não entendiam porque tinham que sair, para assim darem oportunidade aos pares para também eles usufruírem da experiência motora e sensorial).
<b>Viabilidade de repetição</b>	O facto de ser uma atividade que as crianças gostaram bastante, no meu entender faz com que se deva repetir (não será possível durante o decorrer do estágio, por causa dos <i>timings</i> que temos de cumprir), tentando sempre acrescentar algo novo, com o intuito de desafiar o seu inato ímpeto exploratório. Não se deve repetir só as atividades que correm menos bem.
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
<b>Md*****</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
					<b>X</b>
<b>Descrição:</b> Assim que o túnel foi colocado no chão da sala, a <b>Md****</b> mostrou logo					

entusiasmo e curiosidade em explorá-lo.

A **Md\*\*\*\*** entrou no túnel e sentou-se mais ou menos a meio pondo-se a brincar com os dois púcaros, fazendo jogo simbólico, ou seja, punha o púcaro na boca fingindo que estava a beber água.

**E:** Tens sede **Md\*\*\*\***?

**Md\*\*\*\*:** Sim. Aproximou-se um amiguinho e a **Md\*\*\*\*** direccionou o púcaro para ele, dizendo: **Qé,Qé?!**

Foi notório nesta atividade, a alegria, a ligação consigo própria, a vitalidade e autoconfiança desta criança, bem como os sinais que ela transmitia de concentração, energia, expressão verbal e satisfação que estava a desenvolver nela durante toda a atividade.



### Avaliação do envolvimento

Criança:	Grau de envolvimento				
<b>M****</b>	1	2	3	4	5
			X		

**Descrição:** A criança mostrou interesse assim que viu o túnel, mas não quis entrar lá para dentro, envolvendo-se apenas com os objetos que estavam colocados nas extremidades. Ainda assim, era evidente a sua alegria (sorria



frequentemente), a sua satisfação, tranquilidade e vitalidade.

**E:** Anda **M\*\*\*\*\*!**

**M:** Não. E abanava a cabeça em simultâneo.

**E:** É giro!

**M:** É! Mas não avançava, ficava parada à entrada do túnel a brincar com os objetos que ali se encontravam (o boneco verde), de vez em quando, olhava para os amiguinhos, via as reacções deles e a certa altura entrou no túnel (mas muito rapidamente, entrou e saiu logo). Era evidente a energia, satisfação e concentração que a criança dispensava à atividade.




### Semana 3 – 06 a 07 de dezembro de 2016

#### Atividade: Cesta Natalícia


<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
07 de dezembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Cesta de verga; Fita com motivos natalícios (decorar a cesta); Pinhas; Bolas de natal.

Área de desenvolvimento:	Objetivos pedagógicos:
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o controlo da motricidade fina e intersegmentar;</li> <li>• Explorar novas texturas;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato e olfato;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto;</li> </ul>
<b>Descrição da atividade:</b>	<p>A estagiária prepara antecipadamente a cesta com as pinhas e as bolas de natal.</p> <p>Após esta fase, a estagiária senta as crianças no tapete da sala, em círculo e vai buscar a cesta, colocando-a no centro do círculo.</p> <p>Depois distribui uma pinha e uma bola a cada criança e deixa-as explorar os dois objetos livremente sempre supervisionando-as, para que elas não se magoem com as pinhas.</p> <p>Ao longo da atividade a estagiária observa e interage com as crianças, questionando-as sobre as sensações sentidas.</p>
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Treze

<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Ter as bolas e as pinhas (dentro da cesta) à vista do grupo de crianças, fez com que elas se aproximassem e ficassem curiosas;</li> <li>○ Algumas crianças juntavam duas pinhas e percebiam que ao tocarem com uma na outra elas imitiam um som;</li> <li>○ O facto das bolas de natal serem espelhadas também desenvolveu interesse por parte das crianças, porque viam a sua cara refletida nas bolas e ficavam admiradas;</li> </ul>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	Nada a registar;
<b>Reação das crianças</b>	Muito positiva. Algumas crianças exploraram mais as pinhas, outras as bolas, outras a cesta e também os dois elementos centrais da atividade em simultâneo;
<b>Viabilidade de repetição</b>	Penso que uma atividade susceptível de repetição, uma vez, que o contato das crianças cm materiais naturais e da natureza deve sempre ser promovido. Para além disso as crianças demonstraram que gostaram muito de explorar as pinhas, futuramente adicionaria mais materiais naturais.
<b>Fotografias</b>	



Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
C*****	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b> A C**** sentou-se logo no tapete junto da cesta, observou atentamente a cesta quando esta ficou vazia e agarrou numa bola e colocou-a dentro da cesta. Era evidente que estava concentrada, satisfeita, ligada consigo própria, mas a nível facial não mostrava qualquer sinal de entusiasmo ou alegria (não é uma criança que sorria frequentemente), ainda assim estava tranquila, recetiva à experiência chave e com vitalidade (mais percetível na terceira imagem).</p> <p>Após o momento de exploração da cesta, a C**** direccionou a sua atenção para as pinhas, explorando-as durante o resto da atividade e movimentando-se por toda a sala, simultaneamente.</p>					

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
M**** *****	1	2	3	4	5
		X			
<p><b>Descrição:</b> A M**** ***** sentou-se no tapete com uma expressão facial muito séria, observava os pares a explorarem as pinhas, as bolas e a cesta pela sala, mas ela nunca saiu do tapete, ou seja, permaneceu sentada durante toda a atividade e sempre com a mesma postura, de observadora atenta, mas que não tinha interesse em explorar num elemento que compunha a atividade.</p> <p>Passado algum tempo, começou a explorar as bolas, mas estas bolas, eram bolas que iam parar junto dela, porque ela nunca saiu daquele lugar.</p> <p>Evidenciava tranquilidade, concentração, mas a nível facial nunca mostrou sinais de alegria.</p>	  				

### 3.3.4 Planificação e avaliação de 13 a 16 de dezembro

(Magda Antunes)

<b>Semana 4 – 13 a 16 de dezembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Cama mágica</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
13 de dezembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Saco de édredon; Balões; Lâmpada com luzes (efeito discoteca); Música ambiente.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Expressão e comunicação.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato;</li> <li>• Praticar habilidades motoras básicas;</li> <li>• Reproduzir verbalmente as sensações sentidas.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária enche os balões e coloca-os dentro do saco de édredon. Seguidamente, fecha a abertura do saco de édredon. Escurece ligeiramente a sala; liga as luzes com o efeito discoteca. Durante toda a atividade, vai interagindo com as crianças acerca das sensações sentidas.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas</b>		12 crianças	
<b>Pontos positivos</b>		O facto de primeiro ter escurecido a sala e ter	

	<p>ligado as luzes com efeito discoteca e só depois colocar a cama na sala. O facto da cama ser grande e de caberem muitas crianças em simultâneo. Ser uma experiência nova para todas as crianças.</p> <p>Em conversa com a educadora cooperante, chegamos à conclusão que a cama de balões acalma as crianças.</p>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	Uma das crianças não quis experimentar a cama de balões, em nenhum dos momentos e não percebemos qual o motivo.
<b>Reação das crianças</b>	<p>“Ahh! Olha bolas!” – Criança A a olhar e a pontar para as bolas de cor no chão.</p> <p>“Dormir. Dormir” – Criança B, atirando-se para a cama de balões.</p> <p>Uma criança sentou-se no tapete, tirou os sapatos e deitou-se na cama e lá permaneceu, sossegada, por imenso tempo.</p> <p>Algumas crianças abanaram o corpo, enquanto estavam deitadas na cama de balões.</p> <p>Houve várias crianças que não saíram da cama o tempo todo que ela esteve na sala de atividades, inclusive, choraram aquando do momento de mudar a fralda (sendo que tinham de sair da cama e ir ao WC).</p>
<b>Viabilidade de repetição</b>	Completamente viável. Aliás, a cama de balões esteve presente na sala de atividades durante três semanas, até os balões se esvaziarem e todos os dias pelo menos 5 crianças se deitavam nela.

**Fotografias**



**Avaliação do envolvimento**

Criança: Cons*****	Grau de envolvimento				
	1	2	3	4	5
					X

**Descrição:** Durante todo o tempo a Const\*\*\* permaneceu deitada na cama a observar as bolas de luzes refletidas no chão. Por diversos momentos a Const\*\*\*\* balançava-se na cama e ria-se. Foi a última criança a sair da cama.





**Avaliação do envolvimento**


<b>Criança:</b> <b>Marg***</b>	<b>Grau de envolvimento</b>				
	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>
		<b>X</b>			

**Descrição:** A Marg\*\*\*\* não gostou da sensação de estar sentada na cama de balões. Nunca se aproximou da cama, a não ser o momento em que peguei na mão dela e fomos até à casa. Sentei-a na cama de balões e ela pediu para sair. Quando saiu da cama foi para longe desta e brincou com os legos.


<b>Semana 4 – 13 a 16 de dezembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Exploração de livros</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
14 de dezembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Livros em feltro, previamente feitos.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alargar/desenvolver o vocabulário;</li> <li>• Reconhecer os animais;</li> <li>• Reproduzir o som dos animais;</li> <li>• Contatar com novos materiais.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária coloca os livros previamente feitos em feltro dispersos na zona do tapete. Individualmente, fala com as crianças acerca das imagens dos livros (Ex: Quem é? É o cão? Como faz o cão?)	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas</b>		<b>11 crianças</b>	
<b>Pontos positivos</b>		As crianças reconheceram todos os animais presentes nos livros. Quando viam as imagens de cada animal faziam o som correspondente ao mesmo.	
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>		Nada.	
<b>Reação das crianças</b>		Quando coloquei os livros no tapete da sala	

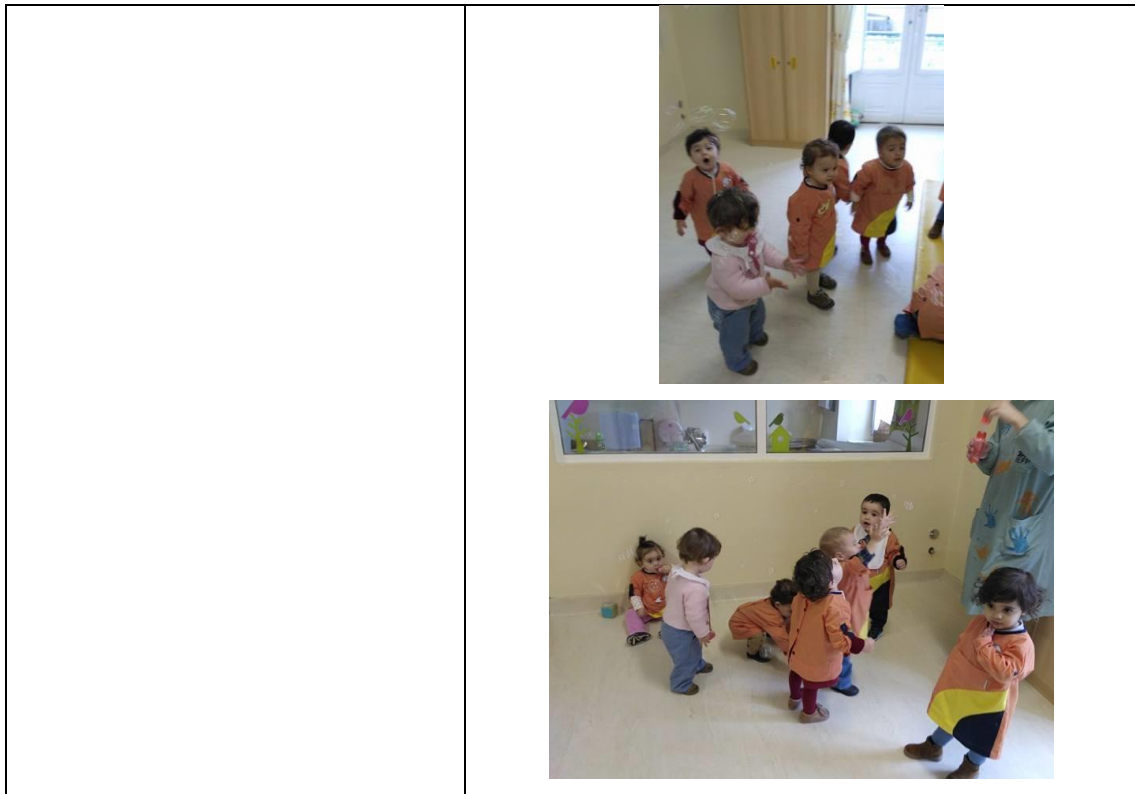
	de atividades algumas crianças vieram logo a correr ver o que era e começaram a folhear o mesmo.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Pretendo colocar os livros em vários momentos ao longo da PES.
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Raf***	1	2	3	4	5
					X
<b>Descrição:</b> O Raf* foi a primeira criança a pegar num dos livros e ficou o tempo todo da atividade a ver os animais e a dizer “ahhh”. Olhos os animais, tocou-lhes diversas vezes. Quando o livro chegava ao fim, o Raf* virava-o ao contrário e voltava a ver os animais todos, como se da primeira vez se tratasse.					

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Franc***	1	2	3	4	5
			X		
<p><b>Descrição:</b> Inicialmente a Franc*** pegava nos livros e trazia até mim e dava-mos. Não desfolhava, nem sequer os olhava. Após a incentivar a ver o livro, esta pegou num dos livros e ficou muito tempo a ver os animais. À medida que aparecia um animal diferente, ela olhava para mim e imitava o som do animal que eu estava a fazer.</p>					

<b>Semana 2 – 29 de novembro a 2 de dezembro de 2016</b>			
<b>Atividade: Bolinhas de sabão</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
15 de dezembro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Água; Detergente; Recipiente para as bolas de sabão; Música ambiente.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Promover o contacto com materiais e experiências diferentes;</li> <li>• Explorar a sensação de rebentar as bolas de sabão;</li> <li>• Reproduzir verbalmente as sensações sentidas.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária faz o preparado para as bolas de sabão. Estando as crianças espalhadas pela sala, a estagiária faz as bolinhas de sabão. Vai questionando as crianças acerca das sensações sentidas.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas</b>		12 crianças	
<b>Pontos positivos</b>		Foi uma boa escolha realizar as bolas de sabão, visto que a maior parte das crianças já conhecia e gostava muito. Foi positivo o facto de ter sido eu, a minha colega e a educadora cooperante a fazer as bolas e não ser apenas uma, uma vez	

	que assim as crianças ficaram dispersas pela sala e não se empurraram umas às outras.
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	O facto das bolas rebentarem no chão e o chão ficar molhado e escorregadio, ainda que tenha limpo diversas vezes ao longo da atividade.
<b>Reação das crianças</b>	Assim que me dirigi para a sala de atividades com recipiente das bolas de salão na mão, as crianças começaram logo a dizer “bolas, bolas”. Assim que comecei a fazer as bolas de sabão começaram a gritar de felicidade e a pular. Durante todo o dia e os dias seguintes as crianças pediram para fazer as “bolas”.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Pretendo repetir mais vezes esta atividade, uma vez que as crianças adoraram rebentar as bolas de sabão e observar como elas “caem” no chão.
<b>Fotografias</b>	




Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Mat****	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b> A Mat*** assim que viu o recipiente das bolas de sabão começou a gritar “bolas, bolas” e mal fiz a primeira bola de sabão ela começou a pular e a gritar “bolas, bolas”. Durante toda a atividade a Mat*** andou a pular para apanhar as bolas e ria-me. Quando parei a Mat** começou a dizer “Mais. Mais bolas”.</p>					
Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Rod*	1	2	3	4	5
				X	
<p><b>Descrição:</b> O Rod* não conhecia as bolas de sabão, pois quando comecei a fazer bolas ele ficou a olhar muito espantado e nos primeiros momentos apenas observou e não tocou nas bolas. Posteriormente, após ter observado, começou a apontar para as bolas de sabão e a tentar apanhá-las.</p>					

### 3.3.5 Planificação e avaliação de 3 a 6 de janeiro (Sofia Pimenta)


Semana 5 – 03 a 06 de janeiro de 2017			
Atividade: Balões Sensoriais			
Data/s:	Duração aproximada:	Participantes:	Materiais:
03 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Balões; Algodão; Milho; Arroz; Feijão; Grão; Tremoços;
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade fina;</li> <li>• Explorar novas texturas;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato;</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária coloca os balões dentro de uma caixa surpresa. Posteriormente coloca a caixa aberta em cima do tapete da sala. Observa a reação das crianças e deixa-as explorarem livremente os balões sensoriais. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.</p>	

<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Onze
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A caixa surpresa, (já perceberam que a caixa simboliza novidades), quando viram a caixa deslocaram-se imediatamente para o tapete, sentaram-se e pediram para abrir. Depois de abrir a caixa, espreitaram lá para dentro e começaram a agarrar nos balões.</li> </ul> <p><b>A***:</b> Balões, balões!!! Apertavam os balões, caminhavam pela sala com eles na mão, largavam uns balões e apanhavam outros.</p> <p><b>E:</b> Esse balão é diferente deste, não é?!</p> <p><b>C***:</b> É!</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Perceberam que havia balões que se moldavam e outros não e que ao esfregar os balões entre as palmas das mãos, este produzia um som.</li> </ul> <p><b>R***:</b> aaaaahhh!</p>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A existência de um foco de distração, as crianças no decorrer da atividade perceberam que estava a acontecer algo na casa de banho, então algumas crianças deslocaram-se para junto da casa de banho, não querendo voltar à atividade;</li> <li>○ Talvez por ser o primeiro dia depois das férias (a instituição não fechou, mas a maioria das crianças não foi à creche nestas duas semanas), algumas crianças estavam mais chorosas e ansiosas do que o habitual.</li> </ul>
<b>Reação das crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Reagiram positivamente e com entusiasmo;</li> <li>○ Revelaram curiosidade e perceberam</li> </ul>

	que havia diferenças no interior dos balões.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Penso que é uma atividade passível de ser repetida, mas numa próxima vez tentarei encaixa-la em dias/momentos em que as crianças revelam mais agitação, fazendo desta atividade a ponte para uma atividade mais desafiadora.
<b>Fotografias</b>	 <p>The 'Fotografias' section contains four photographs documenting the activity. The top photo shows a group of children gathered around a red basket filled with colorful balloons. The second photo shows two children, one in a grey shirt and one in an orange jacket, sitting on a green mat and playing with balloons. The third photo shows a child in an orange jacket sitting on a light-colored floor, looking at a white balloon. The bottom photo shows a child in an orange jacket crouching on the floor, playing with several colorful balloons.</p>

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
M*****	1	2	3	4	5
				X	
<p><b>Descrição:</b> A M*** não se aproximou da caixa, nem do restante grupo no início da atividade. Ao perceber isso, fui ter com ela e dei-lhe um balão. <b>E:</b> Olha um balão M***, agarra lá e aperta! A M*** olhou fixamente pra mim, aceitou o balão e fez o que eu lhe disse, olhando para mim e de vez em quando para os colegas. Alguns minutos depois já estava a brincar com dois balões, mas nunca saiu do lugar onde estava. A M*** revelava que estava concentrada e percebia o que a estagiária lhe estava a dizer, mostrou-se interessada, disponível para interagir e explorar (recetividade) os balões e também estava tranquila. De</p>					


<p>salientar que a <b>M***</b> é uma criança um pouco tímida e muito observadora. Na maioria das vezes não tem iniciativa, mas se o adulto falar com ela, acaba por se envolver nas atividades.</p> <p><b>E:</b> É giro, estás a gostar?!</p> <p>Olhou seriamente para mim, abanou a cabeça (sim) e sorriu ligeiramente.</p>	
--	--

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Rf*****	1	2	3	4	5
<p><b>Descrição:</b> Foi das primeiras crianças a aproximar-se da caixa surpresa, a mexer nela e a tirar os balões. Permaneceu alguns minutos a apertar os balões e a explorá-los visualmente. Mas no decorrer da atividade foi circulando pela sala, ora com balões, ora sem eles; apesar disso, não se desinteressou completamente pela atividade. Evidenciou concentração, vitalidade, satisfação, curiosidade, recetividade, autoconfiança, vitalidade, tranquilidade, alegria, ligação consigo próprio. Todos estes fatores foram revelados pela sua expressão facial e postura, ainda que ao longo da atividade tenha feito pausas, e depois regressava</p>			X		
					

autonomamente à atividade.  
O **Rf\*\*\*** é uma criança que mostra envolvimento em todas as atividades, tem sempre curiosidade e é dos primeiros a querer participar nas mesmas.

<b>Semana 5 – 03 a 06 de janeiro de 2017</b>			
<b>Atividade: Brincando com o Elefante</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
04 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	2 Caixas de sapatos; Papel autocolante branco e amarelo; Feltro várias cores; Cola UHU e branca; Pincel fino; Tintas; Jornais; Fita adesiva vermelha; azul; branca, verde e amarela;
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o controlo da motricidade fina;</li> <li>• Explorar novas texturas;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato.</li> <li>• Desenvolver a concentração;</li> <li>• Desenvolver a coordenação óculo-manual;</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária coloca a caixa no tapete da sala, e as argolas próximo da caixa. Num primeiro momento, observa as crianças, isto é, vê o que as crianças fazem com as argolas. Num	

	segundo momento, orienta as crianças, para encaixarem as argolas na tromba do elefante. Seguidamente deixa as crianças tirar e colocar as argolas autonomamente. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Dez
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As cores do material (argolas e os elefantes);</li> <li>○ Dois elefantes, possibilitou que a atividade decorresse de forma tranquila e harmoniosa, porque as crianças dividiram-se (livremente) por ambos os elefantes e todas brincaram nos dois elefantes;</li> <li>○ A atividade ter decorrido na sala, permitiu que fizessem pausas e alternassem entre os dois elefantes; A mobilidade que o material oferece, ou seja, é leve e fácil de transportar, assim as próprias crianças podem transportá-los e fazer o jogo nos diferentes espaços da sala;</li> <li>○ Deixar que as crianças percebessem autonomamente, o objetivo do jogo.</li> </ul>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ As argolas eram feitas com jornal e a tromba dos elefantes, não estava tapada no topo, isso fez com que na reta final da atividade algumas crianças dobrassem as argolas e as colocassem no interior da tromba do s elefantes;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>o Numa próxima vez taparei a tromba do elefante.</li> </ul>
<b>Reação das crianças</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>o Reagiram positivamente, algumas assim que viram o jogo agarraram nele e colocaram-no no colo, impossibilitando os pares de jogarem (a estagiária resolveu a situação imediatamente, conversando com as crianças);</li> <li>o Permaneceram envolvidos desde o início até ao fim da atividade.</li> </ul>
<b>Viabilidade de repetição</b>	O material vai ficar na sala, funcionando como mais um jogo/brinquedo da sala, que as crianças podem explorar sempre que quiserem, durante o resto do ano letivo.
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
J****	1	2	3	4	5
					X
<b>Descrição:</b> O J**** quando viu o material no tapete, sorriu procurou uma argola, olhou para ela, observou os pares e colocou a argola na					

tromba do elefante. Alguns minutos mais tarde circulava pela sala com o elefante na mão, a determinada altura fixou o elefante no chão e sentou-se em cima dele (criatividade), sempre a sorrir. Evidenciou recetividade (disponibilidade para explorar a atividade), flexibilidade (não evitou esta nova situação e desfrutou plenamente dela) autoconfiança, vitalidade (os seus olhinhos brilhavam), tranquilidade (estava calmo e relaxado, nem sempre isto é evidente no J\*\*\* porque é uma criança que precisa de ter sempre um dos adultos de referencia para se sentir seguro), alegria, ligação consigo próprio, concentração, energia e satisfação. O J\*\*\* esteve completamente envolvido nesta atividade (não é habitual), revelava bem-estar e estava a retirar prazer do que estava a fazer.



Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
R****	1	2	3	4	5
				X	

**Descrição:** Ao ver o elefante agarrou nele e colocou-o no colo e ia pondo as argolas. O R\*\*\* mostrou-se envolvido no jogo, flexível, autoconfiante, tranquilidade, vitalidade, ligação consigo próprio, alguma concentração (fez algumas pausas no decorrer da atividade) e mostrou-se satisfeito, sorria sempre que conseguiu colocar as argolas.

**E:** estás a gostar de pôr as argolas no elefante?!

**R\*\*\*:** Sim (abanou a cabeça)

**E:** é giro, este jogo?!

**R\*\*\*:** é!



Semana 5 – 03 a 06 de janeiro de 2017			
Atividade: Vamos fazer música!			
Data/s:	Duração aproximada:	Participantes:	Materiais:
05 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	2 Vasos de plástico; Serapilheira; Cola Branca; Pincel grosso; Cordão de sisal; 4 Passadores; Caricas; Cola quente; 6 Frascos de fruta (essencial); Termoços, milho, feijão; Cartão; Guizos; Arame e lã; Pregos e areia. <b>Instrumentos:</b> Jambés, castanholas, maracas, pandeireta, pau de chuva, rocas e xilofone
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o controlo da motricidade fina;</li> <li>• Explorar novas texturas;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato;</li> <li>• Desenvolver a perceção auditiva e o sentido rítmico;</li> <li>• Explorar as propriedades sonoras dos objetos/instrumentos musicais.</li> </ul>
<b>Descrição da atividade:</b>	<p>A estagiária coloca os instrumentos na caixa surpresa e coloca-a no tapete, à exceção dos jambés. Posteriormente a estagiária agarra num jambé e começa a fazer sons direccionando-se para o tapete, espera que as crianças se aproximem e abre a caixa surpresa, deixando que cada criança retire o objecto que lhe suscite mais curiosidade. Depois deixa as crianças explorar livremente os instrumentos. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.</p>
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Doze
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A diversidade de instrumentos e a liberdade que eu lhes dei para explorarem o instrumento que lhes suscitou mais curiosidade;</li> <li>○ As cores apelativas que os instrumentos tinham;</li> <li>○ A existência de um instrumento para</li> </ul>

	cada criança.
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ O xilofone tinha uma tampa para fechar e uma das crianças estava sempre a fechá-lo, quando um colega se aproximava para explora-lo.</li> </ul>
<b>Reação das crianças</b>	Muito positiva. Todas as crianças mostraram entusiasmo, interesse e curiosidade por todos os instrumentos.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Foi uma atividade bem-sucedida, portanto deve ser repetida várias vezes (alguns dos instrumentos, vão ficar na sala), sempre que as crianças revelarem vontade de brincar com eles.
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
A****	1	2	3	4	5
				X	
<b>Descrição:</b> Foi das primeiras crianças a aproximar-se dos instrumentos e a retirar alguns da caixa, estando muito atento ao som que a estagiária estava a produzir com o jambé. Breves minutos					

depois agarrou nas maracas, observou-as, virou-as e começou a abana-las, interagindo com uma amiguinha. O A\*\*\* mostrou-se sempre sorridente, com vitalidade, energia, ligação consigo próprio, flexível e receptivo à exploração dos diferentes instrumentos, pois persistiu na exploração dos mesmos durante todo o tempo da atividade, estava verdadeiramente satisfeito. Num outro momento apercebeu-se de um som diferente (xilofone), aproximou-se dele e deitou-se sobre ele, depois levantou-se e começou a fechar a tampa do xilofone, interrompendo a exploração de um amigo. E: Não fecha A\*\*\*! A: Olhou para mim, sorriu e voltou a esticar mão para fechar a tampa outra vez.



Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
F***** S.	1	2	3	4	5
			X		
<b>Descrição:</b> Esteve muito atento e observador no início da atividade, mas não se aproximou dos instrumentos. Como existiam outros objetos espalhados pela sala, ele andava pela sala envolvido com esses objetos. Contudo,					

passados breves minutos foi ao tapete e agarrou num instrumento (pau de chuva), observou-o, explorou-o e foi-se embora novamente largando o instrumento no chão. Depois voltou, agarrou noutro instrumento (roca) explorou-o e largou-o novamente, manteve este comportamento durante toda a atividade. Portanto o F\*\*\*\* S. não esteve envolvido completamente na atividade (fez muitas pausas), mas revelava satisfação, energia, alegria, vitalidade e alguma concentração (nos momentos em que estava a explorar os diferentes instrumentos musicais).




**Semana 5 – 03 a 06 de janeiro de 2017**

**Atividade: Caixas divertidas com surpresas**

<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
06 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	2 Caixas de cartão; Diferentes tipos de papéis (jornal, celofane, seda, papel de embrulho); Plástico bolha; Objetos/ Peluches
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir destreza na rasgagem de papel;</li> <li>• Mostrar interesse por explorar novos materiais;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária coloca os diferentes tipos de papéis, o plástico bolha e os objetos/peluches, dentro das caixas de cartão e coloca-as no chão da sala de atividades. De seguida deixa que as crianças se aproximem e explorem livremente. Interage com elas, questionando-as sobre as sensações sentidas. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.</p>	

<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Onze
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ O papel celofane de várias cores;</li> <li>○ Os bonecos escondidos (Minie, cavalo marinho, pato, vaca e bola-gato);</li> <li>○ O plástico bolha e as caixas de cartão;</li> <li>○ A criança que na primeira vez revelou precisar de algum tempo para se envolver na atividade, desta vez, isso não sucedeu, ou seja, a criança envolveu-se imediatamente na atividade.</li> </ul>
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>	Nada a registar.
<b>Reação das crianças</b>	Muito boa. As crianças deslocaram-se livremente para junto das caixas, estavam ansiosas por abri-las e ver o que estava lá dentro.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Este grupo de crianças continua a gostar muito de brincar com papéis (sempre que podem lá estão elas a brincar com as toalhas de papel da casa de banho), por isso é uma atividade que continua a suscitar envolvimento, curiosidade e prazer nestas crianças, como tal é passível de ser repetida. Evidenciaram alegria pelos bonecos escondidos, brincaram com eles e também

	<p>gostaram muito de ouvir os estalinhos do plástico bolha.</p> <p>Mantiveram a mesma interação (comparando com a primeira vez) com os papéis, portanto não observei evolução no manuseamento dos papéis, à exceção do plástico bolha.</p>
<p><b>Fotografias</b></p>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Mar****	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b> A Mar****depois de ver as caixas abertas e de já estarem alguns papéis espalhados pela sala de atividades, sentou-se junto de duas almofadas, a observar um bocadinho de papel celofane roxo, permanecendo concentrada durante alguns minutos. Mais tarde, levantou-se e deslocou-se para junto de uma das caixas,</p>					

demonstrando vontade de se colocar dentro dela.

**E:** Mar\*\*\* queres ir para dentro da caixa?! **Mar\*\*\*:** abanou a cabeça (sim). Coloquei-a dentro da caixa e dei-lhe alguns papéis, tirava-os da caixa e mandava-os para o chão, abanado a cabeça (não). **E:** Não queres brincar com os papéis? **Mar\*\*\*:** não (abanava a cabeça). **E:** Queres esconder-te na caixa?! **Mar\*\*\*:** Sim (abanava a cabeça). Levantei as partes laterais da caixa e a criança começou a rir-se. Entretanto aproximou-se outro amiguinho, dizendo que também queria ir para dentro da caixa. **E:** Agora é a M\*\*\*, está bem Ma\*\*\*, vamos sair e depois voltas, pode ser Ma\*\*\*? **Mar\*\*\*:** abanou a cabeça (sim). Ainda assim mostrou alguma resistência, mas depois levantou-se e saiu da caixa. A Ma\*\*\* evidenciou vitalidade, flexibilidade, ligação consigo própria, alegria, satisfação e energia.



### Avaliação do envolvimento

Criança:	Grau de envolvimento				
	1	2	3	4	5
Ma  ***			X		

**Descrição:** Mostrou curiosidade pelas caixas e principalmente pelos papéis celofane verde e vermelho, na outra vez, tinha revelado mais interesse pelo papel roxo (só queria os papéis roxos) e também se interessou pelo plástico bolha. A M<sup>a</sup> I<sup>\*\*\*</sup> sorria, ia circulando pela sala com os papéis na mão, só no início da atividade é que ela permaneceu sentada alguns minutos e concentrou-se no papel verde, colocando-o várias vezes á frente da cara. Fez muitas pausas (distracções) ao longo da atividade.

**E:** Aperta (plástico bolha)! Escuta... ah um estalinho! Que giro M<sup>a</sup> I<sup>\*\*\*</sup>! Faz tu com os teus dedinhos! Olhou para mim e fez pressão com os dedinhos, mas não conseguiu fazer o estalinho. Então aproximei a minha mão da dela e fiz pressão sob os dedinhos dela e ouviu-se um estalinho, riu-se e **eu disse:** Boa I<sup>\*\*\*</sup> conseguiste fazer um estalinho! A M<sup>a</sup> I<sup>\*\*\*</sup> evidenciou recetividade, flexibilidade, satisfação, alguma energia e vitalidade.



### 3.3.6 Planificação e avaliação de 10 a 13 de janeiro (Magda Antunes)

<b>Semana 6 – 10 a 13 de janeiro de 2017</b>			
<b>Atividade: Caixa das trapalhadas</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
10 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Roupas de criança e de adulto; Acessórios; Sapatos; Chapéus...
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brincar ao faz-de-conta;</li> <li>• Adquirir destreza em determinados movimentos: vestir e despir, colocar e retirar adereços.</li> <li>• Mostrar interesse por explorar novos materiais;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		Dentro da caixa das trapalhadas deve existir diversos materiais do dia-a-dia da criança. A caixa deve estar dentro da sala ao alcance do grupo, no chão. As crianças exploram livremente os adereços e acessórios que estão dentro da caixa.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação</li> </ul>	


	<p>das crianças e Viabilidade de repetição.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	13 Crianças
<b>Pontos positivos</b>	<p>A caixa despertou curiosidade imediata em todas as crianças.</p> <p>O facto de os objetos serem diversificados e muitos deles serem repetidos, não provocou conflitos entre as crianças.</p> <p>As crianças brincaram com os vários objetos e acessórios, trocando entre si.</p>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	<p>As crianças não gostaram das perucas. Apenas se riam quando eu colocava e não quiseram ser elas a experimentar.</p>
<b>Reação das crianças</b>	<p>Haviam três crianças a chovar, contudo assim que entrei na sala de atividades e mostrei a caixa e a abanei, pararam imediatamente de chorar e vieram logo ter comigo e abriram a caixa.</p> <p>As restantes crianças largaram os brinquedos com que estavam a brincar e vieram logo ao meu encontro, tirando os objetos e acessórios da caixa.</p>
<b>Viabilidade de repetição</b>	<p>Considero que é uma atividade interessante para repetir, visto que todas as crianças exploraram e brincaram com os objetos e acessórios.</p>


## Fotografias



### Avaliação do envolvimento

Criança:	Grau de envolvimento				
C***	1	2	3	4	5

						X
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Quando entrei com a caixa na sala de atividades a C**** começou a correr na minha direção e a tentar abrir a caixa. Começou a tirar algumas peças de roupa e colocava-as no chão. Quando tirou uns óculos cor-de-rosa da caixa, já não os largou mais até ao final da exploração. Colocava os óculos e tirava, vezes sem conta. Ia até ao espelho e ria-se.</p>						

Avaliação do envolvimento						
Criança:	Grau de envolvimento					
M. I**	1	2	3	4	5	
				X		
<p><b>Descrição:</b></p> <p>A In** começou por observar os comportamentos das outras crianças e só passado alguns minutos é que pegou nos óculos e colocou na cara. Depois veio até mim, com um lenço na mão, e apontou para a cabeça e disse “quer”. Coloquei-lhe o lenço na cabeça e ela riu-se. Disse-lhe que se ir ver ao espelho e ela</p>						

foi. Ao ver-se ao espelho  
começou-se a rir.



<b>Semana 6 – 10 a 13 de janeiro de 2017</b>			
<b>Atividade: Caixa da bagunça</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
11 e 12 de janeiro	30/45 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Caixa opaca; Pratos de plástico; Talheres de plástico; Copos de plástico; Caixas de plástico com tampa; Formas de silicone; Formas de alumínio.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brincar ao faz-de-conta;</li> <li>• Adquirir destreza em determinados movimentos: Encaixar as caixas; Fechar e abrir as caixas; Empilhar copos.</li> <li>• Mostrar interesse por explorar materiais do quotidiano;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A ideia é criar um “momento mágico e surpreendente”. Para tal, todo este material vai dentro de uma caixa de plástico, fechada, de forma a que não se perceba o que está lá dentro. O importante é criar um ambiente de suspense e curiosidade. O lançamento da atividade deve ser feito em grande grupo. Chega-se com a caixa e explora-se o som, abanando a caixa. Deixamos que as crianças abram a caixa e descubram o que</p>	



	lá está dentro, explorando ao máximo todos os materiais. Interage-se com as crianças, questionando-as acerca do que estão a fazer.
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	13 crianças
<b>Pontos positivos</b>	<p>O facto de os objetos estarem dentro da caixa e de esta despertar a atenção das crianças, devido ao facto de ser amarela e de ter rodas.</p> <p>Os objetos (pratos, copos, etc.) tinham cores apelativas e eram objetos do dia-a-dia das crianças.</p> <p>Serem objetos diversificados e existirem diversos dentro da mesma categoria.</p>
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>	O facto de ter garfos, ainda que garfos adequados a crianças, pois houve uma criança que bateu com um garfo a outra.
<b>Reação das crianças</b>	<p>Assim que entrei com a caixa na sala de atividades as crianças começaram logo a gritar e a dizer “abre, abre”.</p> <p>Quando viram o que estava dentro da caixa começaram de imediato a dizer que iam comer a papa.</p>
<b>Viabilidade de repetição</b>	Considero que foi uma experiencia bastante

interessante para as crianças, visto que todas elas permaneceram na brincadeira o tempo todo que estiveram na sala de atividades. Deste modo, disponibilizar às crianças estes objetos, para que elas possam brincar.

**Fotografias**

The photographs show children engaged in play with various colorful objects like cups, spoons, and containers on a yellow mat. One child is holding a yellow cup, another is using a green spoon, and others are playing with small containers and toys scattered on the floor.

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Fr***	1	2	3	4	5

						X
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Quando entrei com a caixa na sala de atividades o Fr** veio a correr ter comigo, mas não tocou na caixa nem nos objetos que as crianças tiraram de dentro da mesma.</p> <p>Comecei a brincar, fazendo que comia a sopa, com um prato e uma colher.</p> <p>Perguntei ao Fr** se queria comer sopa. Ele acenou com a cabeça que sim e dei-lhe à boca.</p> <p>Depois dei-lhe o prato e a colher e o Fr** começou a comer e deu-me à boca a sopa.</p>						
<b>Avaliação do envolvimento</b>						
<b>Criança:</b>	<b>Grau de envolvimento</b>					
Ma***	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	
						<b>X</b>
<p><b>Descrição:</b></p> <p>A Ma*** agarrou numa tijela e num garfo e começou a brincar, dizendo que era a sopa. De repente, “não dá” e colocou o garfo no chão e foi buscar uma colher. Continuou a brincadeira de comer a sopa, mas com a colher.</p>						

Quando punha a colher na boca exclamava “ahhhh”.

Estagiária: “O que estás a fazer Ma\*\*\*?”

Ma\*\*\*: Apontou para a tijela e deu-me sopa à boca.

Estagiária: “huuumm, que bom. É o quê? Sopa ou batata e peixe?”


Ma\*\*\*: “Sopa.”

A Ma\*\*\* continuou a comer a sopa.

Depois pegou no copo e bebeu. Levantou-se e disse “já está”.



<b>Semana 6 – 10 a 13 de janeiro de 2017</b>			
<b>Atividade: Paraquedas dançante</b>			
<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
13 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Músicas diversas; Paraquedas; Bolas.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adquirir o gosto pela música;</li> <li>• Vivenciar novas situações;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		Coloca-se música e cantam-se canções, abanando o paraquedas sobre as crianças. Num segundo momento colocam-se as bolas de plástico em cima do para-quedas e abana-se o mesmo. À medida que as bolas vão caindo as crianças voltam a coloca-las no paraquedas. Brincamos ao cucu com o paraquedas e incentivamos aa crianças a pegarem no paraquedas e a serem elas a abanar.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Itens de avaliação previamente preparados: Pontos positivos; pontos negativos/constrangimentos; reação das crianças e Viabilidade de repetição.</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			

<b>Nº crianças envolvidas</b>	12 crianças
<b>Pontos positivos</b>	Foi uma experiência nova para as crianças e o facto de o paraquedas ter muitas cores e serem atrativas. Foi positivo o facto de interagirmos muito com as crianças, brincando ao cucu e abanando o paraquedas.
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	Houve 3 crianças que não quiseram brincar com o paraquedas. Foram brincar com outros brinquedos da sala. Por mais que as chamasse ou as fosse buscar, não quiseram brincar.
<b>Reação das crianças</b>	À medida que abanávamos o paraquedas as crianças gritavam e riam-se muito. Através das suas expressões foi possível verificar que gostaram da experiência.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Considero que seja uma atividade com forte possibilidade de repetição, visto que as crianças gostaram bastante da experiência.
<b>Fotografias</b>	 <p>The 'Fotografias' section contains four photographs arranged in a 2x2 grid. Each photo shows a group of young children in a classroom or playroom, gathered around a large, multi-colored parachute (red, yellow, green, blue). The children are holding the edges of the parachute, and in some photos, they are lifting it into the air. The background shows typical classroom furniture like tables and shelves.</p>

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Rod**	1	2	3	4	5
		X			
<p><b>Descrição:</b></p> <p>O Rod** não se aproximou do paraquedas. Ficou a brincar com um carro, num dos cantos da sala de atividades.</p> <p>Estagiária: “Rodrigo, vem à Magda. Olha o paraquedas tão giro. Anda”</p> <p>O Rod** olhou para mim, acenou com a cabeça que não e voltou a brincar com o carro.</p> <p>Passado algum tempo, voltei a chamá-lo e voltou a acenar com a cabeça. Fui junto dele e trouxe-o para o centro do paraquedas. Riu-se de forma breve e regressou para o canto da sala de atividades, onde continuou a brincar com o carro.</p>					

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
Raf**	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b></p> <p>Após a hora do pão, costumo dirigir-me até à casa de banho e trago os materiais para a atividade do momento. Como o Raf** se apercebeu disso, assim que entrei na casa de banho colocou-se junto à cancela e começou a rir-se muito alto. Assim que sai da casa de banho e entrei na sala de atividades, o Raf**</p>					




levantou as mãos e começou aos pulos. Brinquei com ele ao cucu e ele riu-se muito e abanava as mãos no ar. Durante o tempo todo que estivemos a brincar com o paraquedas o Raf\*\* esteve debaixo dele, tocando nas cores, pulando, rindo e brincando.



### 3.3.7 Planificação e avaliação de 17 a 20 de janeiro (Sofia Pimenta)

Semana 7 – 17 a 20 de janeiro 2017			
Atividade 19: Mosca traquina			
Data/s:	Duração aproximada:	Participantes:	Materiais:
17 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Mata-Moscas decorados com feltro; Balões coloridos; Guizos.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver a motricidade fina e intersegmentar;</li> <li>• Mostrar interesse por explorar novos materiais;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Participar em interações criança-criança / criança-adulto.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária coloca os balões dispersos pela sala e dá os mata-moscas decorados com feltro (escondidos na caixa surpresa) às crianças. Estas tentam acertar nos balões e a estagiária vai observando as reações e intervindo. Ao longo da atividade os adultos cantam a canção: “O balão do João”. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.</p>	

<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Onze
<b>Pontos positivos</b>	Os materiais utilizados.
<b>Pontos negativos/constrangimentos</b>	Não se verificou nenhum ponto negativo/constrangimento, porque apesar do objetivo da atividade continuar a não ser alcançado, acho que isso está somente relacionado com a idade das crianças, ou seja, ainda são muito pequeninas para conseguirem acertar nos balões.
<b>Reação das crianças</b>	Reagiram bem. Contudo, continuo a verificar que as crianças se envolvem mais só com um dos materiais. Só quando eu me aproximava das crianças e lhes dizia para acertarem no balão (exemplificando) é que elas interagiam com os dois objetos ao mesmo tempo.
<b>Viabilidade de repetição</b>	É uma atividade viável de repetição.
<b>Fotografias</b>	

<b>Avaliação do envolvimento</b>					
<b>Criança:</b>	<b>Grau de envolvimento</b>				
F*****	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

				X	
<p><b>Descrição:</b> A F**** evidenciou recetividade à atividade, percebeu imediatamente o objetivo da mesma, mas procurava sempre o adulto para este ver que conseguia acertar nos balões. Nem sempre esteve concentrada na atividade, fazia breves pausas para brincar só com os balões ou só com os “mata-moscas”. Quando acertava nos balões sorria, ficava satisfeita e evidenciava vitalidade.</p>	 <p>The top photograph shows a child in a white sweater and blue pants using a red stick to pop a yellow balloon. Other balloons (blue, green) are on the floor. The middle photograph shows the same child holding a blue balloon. The bottom photograph shows the child reaching for a yellow balloon on the floor.</p>				

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
M <sup>a</sup>  ****	1	2	3	4	5
			X		


**Descrição:** A Mãe I\*\*\*\* revelou o mesmo comportamento e interação com os materiais que da primeira vez que realizamos esta atividade, ou seja, voltou a evidenciar mais envolvimento com os “mata-moscas”. Mostrou vitalidade e alegria. De vez em quando tentava acertar nos balões.





**Semana 7 – 17 a 20 de janeiro 2017**

**Atividade 20: Massa mágica**

<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
18 e 19 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Caixa surpresa; Alguidar de plástico; Farinha Maizena; Água; Mesa; Bibes de plástico.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o controlo da motricidade fina;</li> <li>• Explorar novas texturas;</li> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Estimular e desenvolver o sentido do tato.</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		<p>A estagiária coloca a mesa na casa de banho e de seguida faz a massa mágica; depois chama duas crianças de cada vez e veste-lhes os bibes plásticos. Após este momento, coloca um pouco da massa em cima da mesa e deixa que as crianças explorem livremente a massa mágica. A estagiária questiona as crianças acerca das sensações sentidas.</p> <p>Repete-se o processo até que todas as</p>	

	crianças tenham realizado a atividade/experiência.
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>
<b>Avaliação/Reflexão:</b>	
<b>Nº crianças envolvidas</b>	Onze
<b>Pontos positivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ A massa estava mais líquida do que da primeira vez;</li> <li>○ Já estava preparada em cima da mesa;</li> <li>○ A ausência de corante.</li> </ul>
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	Nada a registar.
<b>Reação das crianças</b>	Reagiram melhor desta vez. Mas duas crianças que normalmente envolvem-se em todas as atividades, desta vez não se envolveram, chegando mesmo a chorar.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Sim, é uma atividade viável de ser repetida.
<b>Fotografias</b>	 <p>The 'Fotografias' section contains four circular photographs arranged in a 2x2 grid. Each photo shows a young child, mostly in a red shirt, interacting with a large, white, textured substance (likely dough or clay) on a table. In the top-left photo, a child is using a small tool to shape the substance. In the top-right photo, a child is being assisted by an adult. In the bottom-left photo, a child is using their hands to flatten the substance. In the bottom-right photo, a child is using a small tool to create patterns in the substance.</p>


Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
M****	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b> A M*** aproximou-se da cancela que divide a sala da casa de banho e começou a dizer: Qué, qué! Então fui busca-la, vesti-lhe o bibe ela começou a dizer: Não, não!</p> <p><b>E:</b> Anda, vamos fazer o ninho para as galinhas porem o ovo, comecei a cantar: raspam, raspam (a fazer com as minhas mãos na massa), faz M***, ela começou devagarinho só com um dedo, depois começou a cantar comigo e a fazer os gestos na massa (bicom, bicom... raspam, raspam). Envolveu-se completamente na atividade, não querendo sair da atividade; revelou satisfação, vitalidade, ligação consigo própria, persistência, recetividade, concentração e energia.</p> <p>A M*** teve uma postura completamente diferente da primeira vez.</p>					


Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
J****	1	2	3	4	5
					X
<p><b>Descrição:</b> O J*** vestiu o bibe, muito concentrado, depois aproximou-se da mesa, colocou as mãos na massa fez movimentos circulares, olhou para as mãos e sorriu. E: Ah, que aconteceu ás tuas mãos?! Ficaram brancas, que giro J***!</p> <p>O J*** evidenciou concentração, envolvimento, ligação consigo próprio, vitalidade, tranquilidade, satisfação e energia. E: Gostaste?! J: Sim, sorriu e abanou a cabeça.</p> <p>A sua reacção a esta atividade também foi diferente da primeira vez.</p>					

**Semana 7 – 17a 20 de janeiro 2017**

**Atividade 21: História: “pop-ups Cucu! As Cores”**

<b>Data/s:</b>	<b>Duração aproximada:</b>	<b>Participantes:</b>	<b>Materiais:</b>
23 de janeiro	15/30 minutos	Crianças, estagiárias, educadora e auxiliares	Livro.
<b>Área de desenvolvimento:</b>		<b>Objetivos pedagógicos:</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cognitiva;</li> <li>• Psicomotricidade;</li> <li>• Pessoal e Social;</li> <li>• Linguagem.</li> </ul>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estimular a curiosidade;</li> <li>• Alargar o vocabulário;</li> <li>• Desenvolver a concentração;</li> <li>• Estimular a imaginação;</li> </ul>	
<b>Descrição da atividade:</b>		A estagiária coloca previamente o livro dentro da caixa surpresa. Posteriormente agarra na caixa e dirige-se para o tapete, senta as crianças em círculo e quando estiverem todas sentadas a estagiária abre a caixa, retira o livro e diz às crianças que vão ouvir uma história. No final da história a estagiária conversa com as crianças acerca da mesma.	
<b>Instrumentos de avaliação/reflexão:</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante;</li> <li>• Registo fotográfico;</li> <li>• Grelha de avaliação previamente preparada;</li> <li>• Avaliação de envolvimento.</li> </ul>	
<b>Avaliação/Reflexão:</b>			
<b>Nº crianças envolvidas</b>		Doze	

<b>Pontos positivos</b>	Pop-Ups; Livro; Cores alegres.
<b>Pontos negativos/ constrangimentos</b>	Nada a registar.
<b>Reação das crianças</b>	Muito boa.
<b>Viabilidade de repetição</b>	Sim.
<b>Fotografias</b>	

Avaliação do envolvimento					
Criança:	Grau de envolvimento				
J***	1	2	3	4	5
					X
<b>Descrição:</b> O J**** esteve sempre muito atento, mostrando alegria, vitalidade, ligação consigo próprio e vontade de interagir com os elementos da história.					



## **4. Processos de avaliação**

### **4.1 Avaliação do projeto de intervenção**

Nas palavras de Sarmiento (2012), "o período de estágio, no âmbito da formação inicial, constitui-se em um 'momento crítico' na apropriação do saber profissional" (p. 24). Uma vez que não tínhamos tido ainda muita experiência na nossa vida académica com crianças tão pequenas, a nossa intervenção em Creche iniciou-se com alguns receios. O período de observação foi crucial para a nossa prática, pois foi durante esse tempo que me fomos começando a interiorizar as rotinas, fomos começando a conhecer as crianças e, igualmente ou mais importante começamos a aprender acerca das suas necessidades.

Percebemos que não devemos subestimar as crianças e as suas capacidades. Ficamos surpreendidas com o seu nível de autonomia, tanto em atividades propostas como em atividades livres ou em momentos de rotina. Como as crianças eram capazes de comer sozinhas, arrumar a cadeira quando terminassem de comer, como chegavam à sala, na hora da sesta, e descalçavam os sapatos, colocavam a chucha e deitavam-se para dormir. Contudo, esta autonomia advém muito dos estímulos que são dados pelos adultos, que exercem um papel importantíssimo na vida das crianças.

Com a equipa educativa, com a qual estabelecemos uma relação muito próxima, aprendemos bastante acerca da importância do trabalho em equipa e foi uma ajuda fundamental na implementação do nosso projeto de estágio. Fizeram-nos perceber, da melhor maneira possível, que o trabalho realizado em conjunto, com o objetivo de atingir os mesmos fins, promove um bom ambiente educativo e um ambiente harmonioso para as crianças. Fizeram-nos sentir integrada desde o primeiro dia, incentivando-nos logo a interagir com as crianças, o que é, a nosso ver, a melhor forma de as conhecer e de ir criando laços. Tanto a educadora como as auxiliares

mostraram uma disponibilidade constante, deixando-nos à vontade para expor todas as minhas dúvidas e receios. O contributo das três foi, sem dúvida, importante para o nosso crescimento e aprendizagem.

No que concerne à avaliação propriamente dita, consideramos que foi um projeto que decorreu de forma harmoniosa e extremamente bem aceite pelas crianças. Consideremos que conseguimos alcançar os nossos objetivos delineados inicialmente, visto as crianças terem mostrado bastante envolvimento das atividades por nós propostas, bem como um bem-estar ao longo de todas as rotinas que partilharam connosco.

De facto, os momentos de rotina são fundamentais com crianças tão pequenas e, como seria espectável, estivemos presentes em todos esses momentos e criamos ligações bastante positivas com as crianças. Em relação às atividades propostas, decidimos, em conjunto com a equipa educativa, repetir algumas atividades. Consideramos ser importante repetir atividades, para que as crianças possam ter oportunidade para complexificar as suas explorações e brincadeiras, pois se apenas tiverem uma oportunidade, determinadas aprendizagens e brincadeiras ficam por realizar. Decidimos repetir quatro atividades, para observar a evolução das crianças.

A primeira atividade repetida foi a massa mágica, pois da primeira vez notamos que as crianças não se sentiram muito à vontade ao mexer na massa mágica de cor vermelha. Ao repetirmos, com a massa mágica sem cor, percebemos que tinha sido uma boa escolha, pois a maior parte das crianças gostou de explorar e brincar com a massa.

Outra das atividades que repetimos foi a atividade dos balões com mata moscas, pois da primeira vez percebemos que as crianças ou brincavam com os balões ou brincavam com o mata moscas, não utilizando o mata moscas para acertar no balão. No período final de estágio optamos por repetir e observamos uma evolução na maioria das crianças, visto muitas já terem compreendido o objetivo. Consideramos que foi uma boa escolha repetir a atividade.

A terceira atividade que repetimos foi as bolinhas de sabão. No primeiro momento em que realizamos esta atividade, a euforia na sala foi bastante visível e, após as crianças pedirem diversas vezes para fazermos bolinhas de sabão, decidimos repetir a atividade. Mais uma vez, foi uma ótima escolha de repetição, pois sentimos que as crianças voltaram a gostar da experiência.

A última atividade consistiu na exploração e brincadeira livre com utensílios da chamada área da casinha. Trouxemos para a sala uma caixa com utensílios de cozinha, de plástico e todas as crianças permaneceram a brincar durante muito tempo. Foi outra das atividades que consideramos ter sido bastante positiva a escolha de repetição.

Em relação à última semana de estágio, optamos por não realizar planificação, visto ter sido uma semana onde repetimos a atividade das bolas de sabão e da exploração da caixa com utensílios da casinha.

## **4.2 Avaliação da educadora cooperante**

### **4.2.1 Avaliação da educadora cooperante (Magda Antunes)**

#### **4.2.2 Avaliação da educadora cooperante (Sofia Pimenta)**

## 5. Reflexões

### 5.2 Reflexões individuais

#### 5.2.1 Reflexão individual (Magda Antunes)

##### Contextos de estágio: Prática de Ensino Supervisionada em contexto de Creche

- **Instituição e projeto educativo**

O último momento da Prática de Ensino Supervisionada ocorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social, no cento de Santarém, a cargo da Diocese. Após uma requalificação da antiga instituição e de um melhoramento com o intuito de alargamento, ocorrido em 2006, a instituição sofreu alterações bastante benéficas para os utentes.

Esta instituição tem como principal intuito promover atividades de ação sociais e educacionais, promotoras da pessoa humana, através de diversas respostas sociais. A instituição acolhe crianças dos 0 aos 6 anos de idade. Esta é constituída por duas valências de Creche e uma de Pré-Escolar. De acordo com o *síte* da Instituição Cooperante, da valência de Creche fazem parte 68 crianças e 150 crianças da valência de Pré-escolar, sendo estas de meios socioeconómicos e culturais diversos, residindo em várias freguesias da cidade.

Esta é composta por dois pisos, sendo que o primeiro se divide em duas alas, cada uma correspondente a uma creche. Na creche 1, existe uma sala de berçário, uma sala de um ano, uma sala de dois anos e um pequeno refeitório. A creche 2 é constituída por uma sala de berçário, uma sala de um ano, uma sala de dois anos, uma sala multietária, um pequeno refeitório, um gabinete, uma casa de banho e uma sala dos funcionários. No rés-do-chão situam-se várias salas de Jardim-de-infância, diversas casas de banho, um refeitório com a cozinha, os serviços administrativos, o espaço exterior, o gabinete da coordenação, o ginásio e a biblioteca.

O Projeto Educativo da Instituição baseia-se no tema “Educar para Saber Sorrir”, tendo como principal objetivo “fomentar nas crianças valores de ética, integridade, humildade, cooperação, disciplina e respeito pelo outro”. (Fonte: Projeto Educativo da Instituição). Relativamente à Missão, Visão e Valores do Projeto Educativo, é dado principal enfoque aos parâmetros seguintes:

O conceito unitário e global da pessoa humana e o respeito pela sua dignidade; aperfeiçoamento cultural, espiritual e moral da comunidade; o espírito de convivência de solidariedade social como fator decisivo de trabalho, comum, tendente à valorização integral dos indivíduos, das famílias, da comunidade e demais agrupamentos; o respeito pela liberdade de consciência e formação cristã dos utentes.

(Projeto Educativo da Instituição, 2015)

- **Ambiente educativo e adaptação ao contexto**

A sala de atividades onde foi desenvolvida a minha Prática de Ensino Supervisionada, localiza-se na creche 2, no primeiro piso da instituição, na ala 2. É um espaço amplo, com boa iluminação natural devido às duas janelas de boas dimensões e possui boa acessibilidade às restantes partes da instituição, nomeadamente ao refeitório.

A sala de atividades não contemplava qualquer tipo de divisão, uma vez que como as crianças se encontravam num período de aquisição da marcha ou desenvolvimento da mesma, a sala de atividades tinha um espaço amplo e livre, para o treino da mesma. Existia uma mesa redonda com cadeiras, onde, por vezes, eram realizados trabalhos e um tapete onde era feito a “hora do pãozinho” e onde as crianças podiam brincar. Os brinquedos eram diversificados, de qualidade e adequados à faixa etária, encontrando-se todos à disposição das crianças (exceto livros), colocados em cestos grandes, em cima da mesa. O espaço era seguro para as crianças e estava organizado de forma estratégica para que estas tivessem mais espaço para brincar. Tal como referem Post e Hohmann (2011), o espaço deve ser "seguro, flexível e pensado para a criança, de forma a proporcionar-lhe conforto e variedade e a favorecer as necessidades e interesses que o desenvolvimento em constante mudança impõe" (p. 14).

No que concerne à adaptação ao contexto, a primeira semana de Prática de Ensino Supervisionada em creche foi na realidade, uma adaptação muito fácil e prática, visto que já tinha tido contacto com a equipa educativa no ano letivo anterior e também já tinha tido contacto com algumas das crianças, dado que estagiei anteriormente nesta instituição e conhecia as crianças que, na altura, faziam parte da sala do berçário. Atento que esta primeira semana foi um período de adaptação para mim, não só às crianças, bem como às suas rotinas, considerando que os horários e rotinas representam, para as crianças pequenas, uma âncora face ao adulto cuidador

(Hohmann & Weikart, 2007). Quanto ao acolhimento e receção, sinto que fui bem-recebida por toda a equipa da instituição, sendo que me colocaram à vontade para questioná-las sobre qualquer assunto.

Considero que a instituição e a respetiva equipa educativa procurava promover um crescimento saudável e harmonioso das crianças, respeitando, acima de tudo, a individualidade de cada uma delas. Observo que esse objetivo era visível nas intenções definidas pela educadora, bem como na organização do ambiente educativo, que era feito em função das crianças. Tanto as intenções e metodologias, como a organização do tempo e do espaço serviram para poder conhecer as dinâmicas do grupo para depois adequar a minha prática. Estes dois últimos pontos foram fundamentais para o meu projeto de estágio, uma vez que os espaços e as rotinas estavam diretamente relacionados com o brincar, aspetos que também valorizei na minha intervenção.

A equipa educativa da instituição foi uma mais-valia para a minha aprendizagem, uma vez que pude aprender com as suas experiências. Demonstrei, desde o início, disponibilidade para participar e colaborar em todos os momentos e em tudo o que fosse necessário. Observo que é importante "praticar uma comunicação aberta, tomar decisões conjuntas sobre as questões do programa [e] observar as crianças, analisar as observações e planificar formas de apoiar cada criança" (Post & Hohmann, 2007, p. 309) para obter resultados positivos. Um bom trabalho de equipa, baseado no respeito e na honestidade vai levar, certamente, a um clima harmonioso para as crianças. As planificações das atividades foram também realizadas em conjunto com a educadora, com uma discussão prévia das propostas que apresentava. No término das atividades, conversava com a educadora e com as auxiliares, de forma a poder avaliar a minha prestação e a melhorar as minhas fragilidades.

- **Grupo de crianças**

A minha Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 20 meses de idade, composto por catorze crianças, sendo sete do sexo masculino e sete do sexo feminino.

Tratava-se de um grupo, aparentemente, sem dificuldades de desenvolvimento em que apenas duas crianças ainda não tinham adquirido a marcha, aquando do início da Prática de Ensino Supervisionada. Observei que todos conseguiam exprimir os seus desejos, necessidades e desconfortos, ainda que a maior parte das crianças não

falasse e também foi possível verificar que praticamente todas elas comiam sem o auxílio do adulto.

O que causou maior impacto nas primeiras semanas de Prática de Ensino Supervisionada em creche foi a autonomia deste grupo de crianças, pois apesar de ser um grupo com um ano de idade, a verdade é que demonstraram muitas competências na área da autonomia. O momento que mais me surpreendeu foi a “hora do pãozinho”, em que as crianças se sentavam voluntariamente no tapete e assim permaneciam até terminarem de comer o seu pão. As crianças desta sala de atividades revelaram uma integração das rotinas e das regras da sala conseguindo prever e realizar muitas tarefas provenientes das suas escolhas, segundo Hohmann & Weikart (2007) ao oferecer as circunstâncias ideais as crianças pequenas “agem com crescente autonomia e independência” (p.28). Ao questionar a educadora cooperante sobre estas competências, nomeadamente a autonomia, a educadora informou-me que apenas trabalha com este grupo desde setembro, mas que tem tido uma grande perseverança quanto ao cumprimento de determinados comportamentos.

O grupo de crianças era muito enérgico e bem-disposto. As crianças gostavam de realizar novas descobertas e mostravam orgulho e interesse nas suas conquistas. A maioria das crianças gostava de música; de histórias; de dança; de brincar ao esconde-esconde; e jogos que comportassem movimento. Era um grupo bastante afetuoso e que tinha facilidade em expressar os seus sentimentos e recorriam, com frequência, a demonstrações de carinho.

Na valência de creche, a rotina baseava-se em cinco momentos do dia: o acolhimento, a higiene (várias vezes ao dia), as atividades (livres/orientadas), a alimentação (lanches da manhã e da tarde e o almoço) e o repouso. Uma vez que as crianças, nestas idades, ainda não têm adquirida a noção de tempo, considero que é de extrema importância que as rotinas sejam cumpridas. Para além disso, segundo Portugal (2011), “na creche, importa garantir que as experiências e rotinas diárias da criança assegurem a satisfação das suas necessidades.” (p. 5).

Durante a Prática de Ensino Supervisionada, verifiquei que nas atividades espontâneas, como o brincar, a maior parte das crianças brinca individualmente, por exemplo, a construir torres de *leggos* e a dar de comer aos bonecos (faz-de-conta). Ainda que a maioria das brincadeiras ocorresse de forma individual, observei valores de partilha entre elas, entreajuda e amizade. Assim sendo, considero que o brincar auxilia o desenvolvimento da criança, pois promove competências de socialização, psicomotoras, físicas, afetivas, cognitivas e emocionais. Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (2016), brincar é a “atividade

espontânea da criança, que corresponde a um interesse intrínseco e se caracteriza pelo prazer, liberdade de ação, imaginação e exploração.” (Ministério da Educação, p.105)

Para os bebês e crianças pequenas, a brincadeira é a forma que elas encontram para aprenderem sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia. "Elas não separam o momento de brincar do de aprender ou qualquer outro momento. [A] sua brincadeira é a sua aprendizagem e vice-versa" (Doherty, Brock, Brock & Jarvis, 2011, p. 130). Estes autores referem ainda que nestas idades, as crianças são "aprendizes ativos, equipados para compreender a grande quantidade de informações que bombardeiam [os] seus sentidos" (p. 128). Assim, é fundamental que o ambiente propicie essas "informações" para que as crianças comecem a explorar o meio que as rodeia.

### • **Projeto de estágio**

Em contexto de creche, as estratégias pedagógicas e as metodologias seguidas pela instituição não se regem apenas a um único modelo ou abordagem pedagógicos. Assim sendo, cabia à educadora da sala de atividades, juntamente com a restante equipa, encontrar a melhor estratégia para o grupo de crianças, consoante as suas necessidades. Contudo, a educadora tinha como base as linhas orientadoras do Projeto Educativo da Instituição – “Educar para saber Sorrir” – e planeava as suas atividades e estratégias tendo em vista a construção de um ambiente harmonioso para as crianças.

Tendo em conta as estratégias e metodologias utilizadas pela educadora cooperante, bem como o Projeto da Instituição, desenvolvi um projeto relacionado com a exploração de objetos e brincadeira, ao qual dei o nome de “Na creche tudo acontece!”. Levando em linha de conta as características da faixa etária e as características do grupo de crianças, desenvolvi um projeto que se baseasse em brincar com novos objetos e, ao mesmo tempo, explorá-los. Deste modo, o projeto de estágio tinha como principais objetivos estimular a coordenação de movimentos; desenvolver a memória visual e auditiva; desenvolver a motricidade fina; estimular a relação afetiva entre adulto-criança, bem como criança-criança estimular o gosto pela música; estimular a linguagem oral e a comunicação, explorar os objetos novos e expandir o reconhecimento de sons, utilizando sempre o brincar por excelência.

Com base nisto, ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada, fui planificando atividades, contudo nem todas foram implementadas tal e qual como pensei. É certo que uma planificação não é estanque, podendo sofrer alterações,

porque ao planificarmos para um determinado dia, não se sabe qual será a necessidade do grupo naquele dia, nem o desempenho, ritmo e motivação das crianças. Neste sentido, saliento que praticamente todas as atividades correram pela positiva. Contudo, importa frisar que o dia tem diversos momentos e rotinas e não posso apenas me focar na atividade daquele momento específico, mas dar também especial importância aos momentos de rotina, como o momento da higiene ou o momento da refeição, em que a criança aprende bastante e a ligação com o adulto é mais próxima e afetuosa.

Na creche, o dia era iniciado com um momento de grande grupo, o acolhimento, onde ocorria a “hora do pãozinho”, que era realizado por uma das estagiárias, ou pela educadora, ou pelas auxiliares. Depois do acolhimento, ocorriam as atividades orientadas pela educadora/estagiárias. As atividades eram fundamentalmente de brincadeira, onde eram disponibilizados diversos objetos ou brinquedos. Nas brincadeiras, havia diversos materiais à sua disposição com os quais podiam brincar e explorar. As crianças apresentavam ainda alguma dificuldade em permanecer concentradas na realização de uma brincadeira durante algum tempo seguido. Uma das crianças, o R\*, despertou a minha atenção e curiosidade, uma vez que, pelo que pude observar, era das crianças que mais se concentrava na realização de uma atividade, seja ela qual fosse. A título de exemplo, durante um momento de brincadeira livre no sala de atividades, a criança esteve, durante cerca de 15/20 minutos seguidos, a desfolhar um livro de feltro com animais, livro esse que levei para a sala. Surpreendido com este momento, a criança ria-se, desfolhando o livro e ia reproduzindo o som do animal da imagem. Durante o tempo em que esteve a realizar esta tarefa, mesmo trocando olhares comigo ou observando as outras crianças, continuou o que estava a fazer, visto que era algo que o motivava.

Segundo Hohmann e Weikart (2011), os adultos devem proporcionar às crianças um contacto com objetos variados "por forma a assegurar que há oportunidades suficientes para as crianças realizarem escolhas e manipularem materiais - aspectos básicos do processo de aprendizagem activa" (p. 41). Na sala de atividades existia um tapete grosso e confortável, onde era feito o acolhimento e onde as crianças podiam brincar.

Deste modo, praticamente em todas as atividades que propus ao grupo de crianças deixei-lhes objetos variados para que elas pudessem brincar e explorar. Nas propostas de atividades que apresentei ao grupo de crianças, optei por utilizar uma forma de as cativar e de lhes despertar curiosidade. Visto que as atividades planeadas se basearam, fundamentalmente, em brincar e explorar objetos que eu trazia para a sala, optei por colocá-los sempre dentro de uma caixa e aparecer com a mesma

dentro da sala. Com o passar do tempo as crianças a seguir à “hora do pãozinho” iam a correr para a porta da casa de banho, onde eu tinha a caixa, e começavam a gritar e a pedir a caixa. De todas as vezes que utilizei as caixas, o entusiasmo foi bastante visível e o envolvimento das crianças foi também perceptível. Considero que, de facto, foi uma ótima forma de lançar as atividades.

Uma das atividades que considero ter sido a mais prazerosa para as crianças, foi a brincadeira com utensílios da dita área da casinha, à qual dei o nome de caixa da bagunça. Como era já habitual, entrei na sala de atividades com a caixa colorida de rodas, fazendo barulhos e rodeando as crianças. Estas começaram logo a correr atrás de mim e da caixa e a dar gritos de felicidade. Deixei as crianças agarrarem na caixa e logo de imediato abriram-na e tiraram de lá os pratos, os copos e os talheres de plástico. Foi a êxtase naquela sala! Todas as crianças estavam concentradas na zona do tapete a brincar com os utensílios, dando a papa ao bebé (*nenuco*), bebendo água, comendo a sopa, entre outras brincadeiras. Durante a brincadeira, desenvolvi alguns diálogos com as crianças, mas tendo sempre o cuidado de não ser intrusiva na brincadeira. Devido ao facto de as crianças terem demonstrado tanto interesse por brincar com aqueles utensílios, optei, em conjunto com a educadora, por repetir diversas vezes a brincadeira ao longo da minha Prática de Ensino Supervisionada e foi gratificante ver como as crianças mantiveram a mesma motivação e envolvimento de todas as vezes que os objetos lhes foram disponibilizados.



Figura 1 – F\* a comer a sopa



Fig.2 – M\* a beber água



Fig.3 – Ma\* a dar a papa ao bebe (*nenuco*)

Outra das atividades que considero ter sido bastante bem sucedida e igualmente prazerosa para a criança, foi a caixa das trapalhadas. Iniciei novamente a atividade com uma caixa, desta vez sem rodas, e desloquei-me pela sala, batendo sobre a tampa. “O que será que está dentro da caixa?” - Perguntei-lhes eu. E espreitava para dentro da mesma a ria-me. Repeti diversas vezes a frase e os

movimentos e as crianças começaram a ficar cada vez mais envolvidas e curiosas. Coloquei a caixa na zona do tapete e deixei as crianças explorarem livremente. Dentro da caixa estavam diversos adereços, nomeadamente lenços, óculos gigantes, pulseiras, aventais, colares, entre outros. Algumas colocaram logo os óculos gigantes na cara, outras colocaram lenços na cabeça. Observei que algumas crianças colocavam os adereços e iam ver-se ao espelho. As reações foram diversas. Algumas crianças colocavam os adereços e riam-se, outras ficavam espantadas ao ver-se ao espelho, outras colocavam e retiravam logo. Outras crianças pegaram nos lenços e fizeram de fralda aos bebés (*nenunos*). Foi uma proposta de atividade bastante interessante, pois consegui observar diversos modos de brincar.



Figura 4 – R\* a experimentar os óculos



Fig.2 – F\* \* a experimentar os óculos



Fig.3 – I\* a ver-se ao espelho, com o lenço na cabeça

Assim sendo, dei especial enfoque ao brincar, uma vez que o "Brincar é agradável, espontâneo, criativo e imprevisível. A brincadeira é para as crianças fonte de profunda satisfação, desafio, prazer e recompensa" (Hohmann & Weikart, 2007, p. 87). Mas brincar não deve ser apenas visto como um divertimento, mas sim como aprendizagem. Considero que o desenvolvimento do projeto de estágio correu como pretendia, visto que dei sempre bastante enfoque ao brincar, não descorando os meus objetivos enquanto mediadora da brincadeira.

- **Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores e os espaços físicos**

Durante o primeiro ano de vida, as crianças costumam "estranhar" a presença de pessoas desconhecidas, porque, segundo Erikson (citado por Cole & Cole, 2004),

estas "tornam-se ligadas às pessoas que provêem, de maneira confiável, as suas necessidades e que, por outro lado, estimulam uma sensação de confiança" (p. 254). Em contexto de creche, apesar de as crianças não terem reagido negativamente à minha presença, procurei ir aproximando-me delas, de maneira a começar a conhecê-las. Fui-me integrando gradualmente nas rotinas, nas brincadeiras, nos momentos de refeição e de higiene, para que as crianças comessem a adaptar-se à minha presença e a considerar-me alguém em quem pudessem confiar. É fundamental que o/a educador/a transmita essa ideia de segurança, pois

para que a criança aprenda a confiar, necessita de poder contar com adultos confiáveis. Necessita de saber que as suas necessidades serão satisfeitas dentro de um período de tempo razoável. Necessita de contar com adultos que respondam às necessidades e que simultaneamente ofereçam força e apoio, que não a enganem

(Portugal, 2011, p. 30).

Fui gradualmente participando nas atividades das crianças, nas brincadeiras e jogos, tanto para as ir conhecendo, como elas a mim. Considero, assim, que é fundamental criar um clima de confiança e de segurança, para que "estas possam trabalhar e brincar com pessoas e objectos libertas de medos, ansiedades ou de aborrecimentos e negligência" (Hohmann & Weikart, 2007, p. 63).

No que diz respeito a planificar em função do grupo, do seu desenvolvimento e dos interesses da criança, tive sempre em consideração planificar atividades que fossem do interesse das crianças, dentro do seu nível de desenvolvimento, bem como da sua faixa etária. Na creche, realizei atividades diversas, mais ligadas à linguagem, exploração de objetos e ao faz de conta, uma vez que nestas idades as crianças estão a começar a falar, a adquirir vocabulário, a conhecer o mundo à sua volta. Procurei promover esses mesmos aspetos, realizando atividades que considere ser significativas e estimulantes para as crianças, tendo sempre o brincar como primordial.

Em relação à promoção do desenvolvimento pessoal e social da criança, respeitando a sua individualidade, incentivando a sua autonomia e apoiando-a nas suas dificuldades, considero que é de extrema importância em qualquer contexto. O/A educador/a deve considerar cada criança como um ser individual, um ser de direitos e cada um com os seus ritmos de desenvolvimento. Desta forma, em valência de creche, tive em consideração o que as crianças eram capazes de fazer, de forma a poder adequar a minha prática. Apesar de a maior parte das crianças já demonstrar autonomia em diversos aspetos, tal como referi anteriormente, foi minha preocupação continuar a promover essa autonomia, incentivando-as a comer sozinhas, a tirarem o bibe e os sapatos sozinhas, a arrumarem os brinquedos, entre outros. Nas

brincadeiras, quando uma criança começava a ficar frustrada por não conseguir alcançar o objetivo que pretendia, mostrava-lhe o que estava errado, para que esta percebesse como se fazia. Funcionei, a maior parte das vezes, como observadora e dei reforços positivos sempre que algo corria pela positiva e auxiliei em momentos de maiores dificuldades, sem comprometer a autonomia da criança.

Considero que, de facto, esta foi a Prática de Ensino Supervisionada em que mais conhecimentos obtive acerca de creche e em que mais aprendi enquanto profissional de educação. Sendo esta a última oportunidade de estagiar, foquei-me fundamentalmente naquilo que acredito, pois proporcionei um ambiente rico e facilitador da aprendizagem, onde

envolvi todos os ingredientes da aprendizagem activa - materiais para brincar e manipular; escolhas acerca do que, onde, como, e com quem brincar; linguagem da criança enquanto brinca; e apoio do adulto durante a brincadeira, apoio esse que vai desde a preparação de um contexto em que seja possível brincar, até à participação real nessa brincadeira.

(Hohmann & Weikart, 2007, p. 87).

Tão importante como preparar este ambiente rico de aprendizagens para as crianças, é participar nas suas brincadeiras. "É preciso que um número mais alargado de adultos seja alegre e brincalhão quando trabalha com crianças pequenas, e esteja pronto a aceitar alguma acção inesperada ou uma qualquer alternativa aos seus propósitos com bom humor e paciência" (Fromberg, citado por Hohmann & Weikart, 2007, p. 88). Esta citação refere que o/a educador/a deve ser capaz de integrar as brincadeiras das crianças, desempenhando papéis, tal como elas, cantar, dançar, representar e construir. Quando as crianças percebem que o/a educador/a é também capaz de brincar com elas, "descobrem que o adulto é passível de ser abordado e não que é uma figura autoritária distante, pelo que tenderão a confiar mais nele" (Wood et al., citado por Hohmann & Weikart, 2007, p. 317), ou seja, desenvolvem entre si uma maior relação de proximidade. Contudo, o/a educador/a deve ter a sensibilidade e a preocupação de observar as crianças de forma a tentar perceber como é que elas brincam para que a sua presença seja o mais natural possível, respeitando os seus ritmos das crianças e para que estas não se sintam desconfortáveis com a sua presença (Hohmann & Weikart, 2007).

Um ambiente rico e estimulante irá ser, certamente, promotor de diversas aprendizagens que as crianças poderão fazer através da brincadeira. Com a brincadeira dentro da sala de atividades, esta irá ficar mais enriquecida ao nível do desenvolvimento motor, intelectual e criativo da criança.

Refletindo globalmente acerca do impacto da minha intervenção considero que, através das intenções estabelecidas, procurei promover uma boa relação com as crianças, família e equipa educativa. Apesar de estar consciente de que as intenções não foram concretizadas na sua plenitude, com o esforço e o trabalho realizado considero que fiz o que esteve ao meu alcance para as concretizar. Procurei realizar atividades que fossem do interesse das crianças e que estivessem ao nível do seu desenvolvimento; envolvi a família na minha prática, embora considere que tenha sido um ponto menos positivo, visto não ter desenvolvido um trabalho consistente e permanente; e envolvi a equipa educativa na minha prática, considerando-a como parceira da minha ação.

Para finalizar, considero que todo este percurso se tornou o início da construção da minha identidade profissional. Este conceito

corresponde a uma construção inter e intra pessoal, não sendo, por isso, um processo solitário: desenvolve-se em contextos, em interações, com trocas, aprendizagens e relações diversas da pessoa com e nos seus vários espaços de vida profissional, comunitário e familiar.

(Sarmiento, 2009, p. 48).

Tendo como base as palavras da autora acima referida, os períodos de estágio revelaram-se essenciais para o início da construção da minha identidade profissional. Uma vez que "o curso de formação inicial é indicado como o primeiro momento de socialização profissional" (Sarmiento, 2012, p. 28), vivenciei que esta mesma construção se desenvolve em contextos e em interação com os vários intervenientes na ação educativa, através do contacto com as equipas educativas, com as crianças e com as famílias. Procurei também ter em consideração a Carta de Princípios para uma Ética Profissional, da Associação de Profissionais de Educadores de Infância, respeitando os seus princípios - a competência, a responsabilidade, a integridade e o respeito - e os seus compromissos - com as crianças, com as famílias, com a equipa de trabalho, com a entidade empregadora, com a comunidade e com a sociedade. Futuramente, ao integrar uma equipa de profissionais, irei considerar as experiências e aprendizagens como uma mais-valia para o meu desenvolvimento pessoal, de forma a, gradualmente, me descobrir enquanto educadora e enquanto profissional, estando em constante formação e aprendizagem.

## Referências bibliográficas

- Brock, A., Dodss, S., Jarvis, P. & Olusoga, Y. (2011). Brincar: aprendizagem para a vida. São Paulo: Editora Penso.
- Cole, M. & Cole, S. R. (2004). O desenvolvimento da criança e do adolescente (4.<sup>a</sup> ed.). São Paulo: Artmed Editora.
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2007). Educar a Criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ministério da Educação. (2016). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: DEB.
- Portugal, G. (2011). Finalidades e práticas educativas em Creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na Creche. Porto: CNIS – Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Post, J. & Hohmann, M. (2011). Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras Aprendizagens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

## 5.2.2 Reflexão individual (Sofia Pimenta)

No âmbito da Unidade Curricular da Prática Pedagógica Supervisionada em Educação de Infância - Contexto de Creche, foi solicitada a elaboração de uma reflexão referente aos dias de observação e às semanas de intervenção de prática pedagógica. Os dias de observação remetem para a observação e recolha de dados sobre a instituição, a sala e o grupo.

No decorrer desta reflexão faço referência a alguns referentes, a saber: rápida referência e integração na instituição, sala e grupo; a relevância da Educação de Infância centrar-se em dois conceitos fundamentais; o cuidar e o educar; seguidos dos presentes elementos: a relação escola- família; as experiências vivenciadas e as aprendizagens adquiridas; a importância da observação centrada no envolvimento e bem-estar emocional das crianças; planificação e avaliação.

A prática pedagógica decorreu no Centro Social e Interparoquial de Santarém-CSIS, na Unidade Padre Manuel Francisco Borges, situada na freguesia de Marvila. A presente instituição abrange as valências de Creche e de Jardim de Infância. A nível organizacional, a instituição é composta por dois pisos. No 1º piso situa-se a valência de Creche, sendo composta por uma sala de berçário, uma de um ano e duas salas de dois anos, sendo que uma destas é sala multietária; uma copa, um refeitório, uma casa de banho, um gabinete técnico, uma sala de apoio aos pertences dos/as funcionários/as, uma sala para os pais colocarem os carrinhos de bebé, uma sala de apoio às funcionárias da limpeza, que contem detergentes e outros materiais necessários, um elevador e um amplo hall-de- entrada.

No piso de baixo funciona a valência de Pré-Escolar, uma cozinha, um refeitório, uma sala da coordenação pedagógica, um pátio, uma secretária e um ginásio. Como mencionei anteriormente, a valência de Creche situa-se no 1º andar da instituição, mas preferencialmente devia estar situada no rés-do chão para ser mais fácil proceder á sua evacuação em caso de emergência, assim como, um melhor acesso ao espaço exterior da instituição.

Tal como refere a lei (Portaria n.º 262/2011 – DE – 1.ª Série – n.º 167),

os espaços destinados à estada de crianças devem, preferencialmente, desenvolver-se no rés-do-chão de forma a conseguir-se o contacto direto com o espaço exterior e a permitir a evacuação rápida das crianças em caso de perigo, sem

necessidade de recurso à utilização de escadas ou ascensores.(p.4340)

O grupo com o qual desenvolvi a minha prática pedagógica é composto por 14 crianças, 8 meninas e 6 meninos, com idades compreendidas entre os 10 e os 20 meses. Neste momento já todas as crianças adquiriram a marcha, sendo que uma ainda está muito dependente do auxílio do adulto. O grupo veio todo junto do berçário e são todas de nacionalidade portuguesa.

Depois dos dias de observação e do contato diário com o grupo, observei que são crianças ativas, curiosas, calmas, afetuosas, sociáveis e participativas nas atividades propostas. Mas também constatei, alguns momentos em que estão mais agitadas, nomeadamente nos momentos de higiene porque estão todos confinados a um espaço muito pequeno (casa de banho) e também o facto de estarem em fases de desenvolvimento diferentes, agem de acordo com as características próprias dessa sua fase desenvolvimental, bem como de acordo com a sua personalidade.

Durante os dias de observação e de intervenção, achei pertinente dedicar muito tempo à observação de cada criança individualmente e do grupo em geral, recorrendo a instrumentos digitais (registo fotográfico e vídeo) e a alguns apontamentos sobre as características, comportamentos e interações das crianças, escritos no caderno para me auxiliarem posteriormente na construção das planificações, do projeto, portefólio e do meu relatório final.

Estes métodos pareceram ser pertinentes, para me ajudarem na escolha e adequação das atividades que estivessem em concordância com as capacidades e interesses do grupo, bem como que suscitassem nelas curiosidade e envolvimento, tentando fazer sempre a articulação com a temática do meu relatório final de curso.

No que concerne à sala onde desenvolvi a minha prática pedagógica, esta ainda não está dividida por áreas, pois as crianças ainda são muito pequeninas para se fixarem num canto a brincar com os mesmos objetos, deslocam-se frequentemente por toda a área da sala com os objetos e nalguns casos escolhem um espacinho onde permanecem por breves minutos a brincar.

De acordo com, POST & HOHMANN (2007),

As crianças de todas as idades têm uma necessidade intrínseca de movimento. Contudo, no caso dos bebés e das crianças que acabaram de começar a andar, aprender a movimentar-se, a controlar o corpo e a deslocar-se de um sítio para outro constitui tarefas desenvolvimentalistas importantes que ocupam muito do seu tempo e

da sua energia. Como tal, é indispensável incluir espaços e materiais que apoiem as tarefas de movimentação que as crianças procuram dominar. As crianças precisam de ter espaço e liberdade para abanarem os braços e darem pontapés, virarem-se e rebolarem. Com o tempo, querem sentar-se, rastejar e gatinhar, pôr-se de pé, avançar e andar. (...) para que tenham oportunidade de experimentar todos estes movimentos, há que pensar nas modalidades através das quais o meio pode proporcionar variedade em termos de escala, de níveis múltiplos e locais para brincadeiras activas e também calmas. (p.119)

Relativamente há minha integração e interação com a comunidade educativa foi bastante positiva, pois a equipa educativa mostrou-se sempre empenhada e disponível para nos apoiar na recolha de informação face à instituição e ao seu funcionamento (pessoalmente senti mais estes dois aspetos, uma vez que para mim foi um contexto novo, pois o meu par de estágio já estava familiarizada com a instituição), deixando-nos à vontade. Para mim, esta interação é fundamental para me sentir adaptada e poder exercer o meu papel como educadora estagiária durante o período da prática.

A interação de que falo foi enriquecedora para o meu percurso profissional e pessoal, porque com ela adquiri conhecimentos e aperfeiçoei o meu desempenho na prática pedagógica. Quanto à relação que criei com a educadora cooperante, foi bastante positiva, porque mostrou-se sempre disponível para nos conceder a informação necessária e adequada ao nosso percurso de estágio, para a elaboração do projeto e do portefólio. Simultaneamente sugeriu atividades para executar com as crianças, e materiais de que a sala e conseqüentemente o grupo de crianças carênciavam, por exemplo: livros.

Aludindo à integração com o grupo, é de relatar que fomos muito bem acolhidas, ainda que inicialmente tivesse pensado que se iria revelar uma integração um pouco difícil. Todavia isso não sucedeu, pois desde o primeiro dia de observação, que as crianças nos procuraram para brincar ou até mesmo para se sentarem ao nosso colo, mesmo não se tratando ainda de uma relação de total confiança. Mas esta relação foi crescendo ao longo dos dias/semanas, porque nós proporcionamos momentos para a construção de uma relação mais próxima e individualizada com cada criança, mas também demos espaço às crianças para se relacionarem entre elas ou

brincarem sozinhas, penso que é essencial dar espaço às crianças para elas interagirem entre elas.

Tais momentos surgiram pelo meio das atividades livres/orientadas e em três momentos que são igualmente importantes no dia-a-dia da criança, ou seja, nos momentos da higiene, das refeições e da sesta. Pois estes momentos também foram por nós aproveitados para interagir com as crianças individualmente bem como para o desenvolvimento de competências; por exemplo: onde é que se põe o sapato? No pé (a criança verbaliza ou então levanta o pé ligeiramente, demonstrando que percebe a pergunta do adulto e que reconhece aquela parte do seu corpo).

Deste modo, implica pensar, se deverá existir uma relação de grande afetividade entre as educadoras estagiárias e as crianças? Atestei que deve existir afetividade, somos humanos e seria impossível não existir, mas esta afetividade deve ser controlada, ou seja, devemos explicar às crianças que estaremos lá por pouco tempo, mas que depois vamos lá visitá-las.

Relativamente à professora supervisora, esta mostrou-se sempre disponível para nos apoiar e esclarecer as dúvidas, dilemas, que nos foram surgindo, quer face ao estágio, quer face aos nossos relatórios finais (a professora supervisora e a orientadora dos relatórios finais, é a mesma pessoa). Esta interação é essencial para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional.

Mencionando a relação com o meu par de estágio julgo que trabalhámos bem como par, ajudando-nos mutuamente, na preparação das planificações e materiais, na construção dos instrumentos de avaliação das atividades, bem como do envolvimento das crianças, nas atividades desenvolvidas na sala e na recolha de informação pertinente.

No decorrer da prática pedagógica construí uma relação muito positiva com as crianças, tendo em conta que a relação adulto-criança é fundamental para a aprendizagem dos mesmos.

Segundo Greenspan (1997) citado por POST & HOHMANN (2007),

Relações consistentes e estimulantes com as mesmas pessoas que cuidam da criança, incluindo a figura principal, desde cedo e ao longo da infância, são as pedras angulares da competência emocional e intelectual, permitindo à criança formar um elo de ligação profundo que se desenvolve originando um sentimento partilhado de humanismo e, em última análise, de empatia e de compaixão. As relações tanto com

os pais como com o pessoal educativo têm de ter estabilidade e consistência. (p.59)

Quanto à relevância da Educação de Infância centrar-se em dois conceitos fundamentais: o cuidar e o educar, é salientado na lei (Portaria n.º 262/2011 – DE – 1.ª Série – n.167) que a Creche

“é um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período correspondente ao impedimento dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais”. (p.4338)

Considerando a lei antecedente, presentemente à Creche compete a responsabilidade de cuidar e educar, visto que são conceitos predominantes no desenvolvimento cognitivo, afetivo, físico e linguístico da criança até aos três anos de idade. O cuidar é definido, segundo o documento Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCN/I,1998) como,

(...) parte integrante da educação, embora exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica, ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. (p.24)

O cuidar é encarado como respeito e necessidade de auxiliar o outro a desenvolver-se como ser humano, dependendo de cuidados biológicos e relacionais. Deste modo, é influenciado por valores e crenças de uma determinada sociedade no que diz respeito à saúde, à educação e ao desenvolvimento infantil. Adota ainda relevante importância na sensibilidade de identificação e compreensão das necessidades básicas por parte do profissional de educação, porque influencia a ação do cuidar na criança. É essencial a existir um vínculo entre quem cuida e quem é cuidado, pois a criança precisa de atenção por parte do adulto, o qual reconhece as suas necessidades e compreende a sua singularidade de forma apropriada.

Porém, inclui que o adulto tenha interesse em conhecer o que a criança sente, pensa, conhece de si e do mundo, de modo a alargar conhecimentos e competências para se tornar um ser humano autónomo e independente.

Educar pressupõe promover situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma coesa e que permitam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com

os outros numa atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais vastos da realidade social e cultural. Assim, a Educação para Infância proporciona às crianças interações com diferentes culturas numa mesma comunidade, com vista a enriquecer os seus conhecimentos e a sua inclusão social. Promove um papel social através das interações entre sujeitos e novas aprendizagens. As aprendizagens evidenciam-se nos momentos de brincadeira ou por parte de atividades pedagógicas intencionais. Mas estes momentos devem acontecer de forma integrada no desenvolvimento infantil das crianças.

O cuidar e o educar possibilitam à criança estar incessantemente à descoberta do mundo que a rodeia, pois a criança encontra-se em contacto com diferentes pessoas e com um meio diferente do seu meio familiar.

Outro referente relaciona-se com a inter-relação da escola- família. É uma relação essencial, pois é necessário transmitir conhecimentos sobre a criança, sobre o que experienciou tanto em casa como na escola, com o intuito de garantir o seu bem-estar e envolvimento. A família tem um papel pertinente na qualidade da Creche, principalmente na forma como veem o contexto, a opinião que têm sobre os cuidados prestados, com o bem-estar e envolvimento das crianças, assim como o contributo que podem disponibilizar na realização de experiências educativas que compõem o desenvolvimento de novas competências nas crianças.

Todavia, a família é o primeiro agente educativo de uma criança, que disponibiliza a primeira realidade com que a criança se depara. A família é quem ensina a ser, a estar e a viver em comunidade, ou seja, são os primeiros educadores e a sua casa é a primeira escola onde obtêm variadas aprendizagens. Esta realidade terá espontaneamente um grande impacto no desenvolvimento global da criança, assim como na sua inclusão escolar. A escola é o segundo ambiente social e cultural com que a criança inicia contato e para onde leva as aprendizagens adquiridas no seio familiar.

O envolvimento entre a escola e a família é decisivo para o favorável e harmonioso desenvolvimento da criança, devendo ser conservado e enriquecido. Concluindo, ambos (escola e família) aprendem conjuntamente, e a sua relação compõe uma parte intrínseca na abordagem pedagógica e do envolvimento ativo e afetivo dos pais e das crianças ao novo contexto educativo.

Outro referente transporta para as experiências vivenciadas e para as aprendizagens adquiridas neste contexto. A intervenção executada no contexto de Creche tem como foco principal o projeto desenvolvido por nós cujo tema: “Na Creche tudo Acontece!”; o presente projeto surgiu do Projeto Educativo da Instituição, bem como, do Projeto Educativo da Sala, ambos com o mesmo tema: “Educar Para Saber

Sorrir”, o nosso projeto tem como principal finalidade proporcionar às crianças diversas experiências sensoriais, fundamentais para o seu desenvolvimento. Assim, o principal objetivo é proporcionar momentos de exploração de diferentes materiais e de diversas formas.

A nível dos objetivos específicos tencionámos promover a linguagem; promover a autonomia; estimular a exploração de diversos materiais. Para alcançar os diversos objetivos, projetamos diferentes atividades, compostas por diferentes materiais. Das atividades realizadas até agora destaco a atividade das caixas divertidas, porque considero que foi uma atividade bem-sucedida.

Colocámos as caixas no tapete e esperámos a reação das crianças, aproximaram-se das caixas e espreitaram para o seu interior, depois agarraram nos diversos papéis e circularam pela sala livremente, ora com os papéis nas mãos ora com os papéis à frente dos olhos (papel celofane), explorando-os livremente. Mas observamos que uma das crianças teve receio da atividade, isto é, não se aproximou das caixas (exemplo claro de não envolvimento) fixou-se num canto da sala (relativamente próximo das caixas e do grupo) com as mãos atrás das costas, quando me apercebi disto aproximei-me da criança e conversei com ela, dizendo-lhe que eram papéis coloridos que ela podia rasgar ou pôr à frente dos olhos para ver que o espaço mudava de cor.

Dei-lhe um papel colorido, mas a criança não reagiu, continuou com as mãos atrás das costas, depois optei por colocar o papel à frente dos olhos e nesse momento esboçou um ligeiro sorriso. Após este momento achei pertinente parar com a insistência e deixar a criança decidir se queria envolver-se na atividade ou não. Pois as crianças não têm de ser forçadas a participar nas atividades. É fundamental que estejam disponíveis e se sintam estimuladas a participar nas atividades, de forma a obterem prazer das aprendizagens disponibilizadas.

Passado algum tempo voltei a olhar para a criança e esta já se mostrava ligeiramente envolvida, ainda que de forma tímida, mas já estava a interagir com os papéis e a usufruir da nova experiência. Foi neste momento que percebi, que o facto de uma criança se mostrar disponível para as interações sociais e brincadeiras livres, não é sinónimo de ser uma criança que se envolve com facilidade e entusiasmo nas atividades propostas.

Refletindo sobre a experiência chave, esta decorreu de forma organizada e estava de acordo com as características, necessidades e interesses do grupo.

Destaco também a atividade da massa mágica, por ter sido menos bem-sucedida, devido a vários fatores, descritos adiante, foi uma atividade de pequeno grupo, realizada em dois dias (para que todas as crianças pudessem ter oportunidade

de experienciar), no primeiro dia quis que as crianças assistissem ao processo desde o início, mas não foi uma boa estratégia, pois as crianças são muito pequeninas, assim esta estratégia torna-se irrelevante, depois acrescentei corante alimentar, ficando uma massa cor-de-rosa, aliado ao espaço físico onde a atividade foi realizada (casa de banho), pois é um espaço que as crianças não gostam de permanecer por muito tempo. Todos estes fatores influenciaram o não envolvimento da maioria das crianças. Em conversa com a educadora cooperante, esta referiu que já tinha feito digitinta (atividade semelhante) e que as crianças inicialmente também estranharam, mas depois envolveram-se.

Assim decidimos conjuntamente, voltar a realizar a atividade, sendo que da próxima vez não colocarei corante, para percebermos se as reações estão relacionadas com a cor da massa ou não. Refletindo sobre esta experiência chave considero que foi uma experiência adequada às características e interesses do grupo, penso que o principal aspeto negativo tenha sido o espaço físico.

Refletindo sobre as experiências concretizadas, estas transportam-nos para um crescimento profissional de ação pedagógica nos vários níveis académicos e pessoais. A sensibilidade e a observação têm sobressaído na maioria das vezes para a descoberta de novos conhecimentos.

No que concerne às aprendizagens obtidas deste contexto centram-se em três matérias: a rotina, o brincar e o envolvimento. Na Creche, a rotina assume um papel pertinente e deve ser planificada e pensada, tal como acontece com as atividades pedagógicas, pois o cuidar e educar ao nível da autonomia e da segurança é algo indispensável nos primeiros anos de vida.

De acordo com Evans & Ilfield (s/d) citados por Figueiredo (2005),

uma rotina é mais do que saber a hora a que o bebé come, dorme, toma banho e se vai deitar. É também saber como as coisas são feitas... as experiências do quotidiano das crianças são as matérias primas do seu crescimento. (p.6)

Seguindo a mesma linha de pensamento, as rotinas apoiam na construção de noções espaciotemporais, assim como na compreensão de regras e formas de proceder. Devendo ser sólidas e sustentadas numa aprendizagem ativa, de forma a permitir às crianças preverem os momentos do seu dia e alcançarem assim, um sentimento de controlo sobre o que fazem.

A observação efetuada neste contexto mostrou-me que a rotina é um momento importante do dia das crianças, pois possibilita à criança saber o que fazer, prever o

que irá acontecer de seguida e resolver problemas que possam despontar. Deste modo, a rotina permite que as crianças adquiram conhecimentos sobre o mundo que as rodeia, a partir da exploração do espaço, dos materiais disponibilizados e da interação com os outros. Neste sentido, a rotina deve ser coerente, embora possa ser flexível, procurando sempre a satisfação dos interesses, necessidades, bem-estar e envolvimento das crianças.

Em relação ao brincar, na primeira infância, é um momento importante para a aprendizagem e para o desenvolvimento das crianças. Tal como refere Schiller (s/d),  
Mesmo quando a criança começa uma brincadeira parcialmente para passar o tempo, aquilo que escolhe para brincar é motivado por processos interiores, desejos, problemas, ansiedades. Aquilo que se passa no espírito da criança determina a sua atividade lúdica: a brincadeira é a sua linguagem secreta que nós devemos respeitar mesmo que não a compreendamos. (p. 290 e 291)

A criança aprende brincando, este aprender brincando está relacionado com as crianças produzirem conceitos e ideias no momento de construção e exploração do espaço e dos objetos. A Creche distingue-se por ser um ambiente onde as crianças podem manipular objetos, brinquedos e interagir com outras crianças, desenvolvendo a comunicação e a imaginação. O brincar domina a vida das crianças, pois uma das características do desenvolvimento é o viver num mundo de fantasia, onde a realidade e o faz-de-conta não estão bem firmes.

Em relação ao referente, observação do bem-estar emocional e do envolvimento no contexto de Creche prevalece os interesses, necessidades e curiosidades das crianças e experiências significativas do dia-a-dia e das relações que criam umas com as outras. De acordo com o que foi referido anteriormente, os responsáveis de educação presentes neste contexto têm responsabilidades perante a família e as crianças em questão. Tal como refere Parente (s/d),

“educadores de infância e outros adultos da creche têm de levar a cabo observações cuidadas e intencionais e escutar cada criança a fim de poderem garantir que as rotinas de cuidados, as atividades e as experiências de aprendizagem planeadas e proporcionadas deem resposta às necessidades das crianças e das famílias”. (p.5)

Importa salientar que a observação das crianças tem um papel indispensável para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Segundo a mesma autora (s/d), “observar e

escutar a criança torna-se, assim, essencial para conhecer, para adequar as propostas, quer a nível dos cuidados quer da educação e, ainda, para revelar as aprendizagens das crianças.” (p.5)

Seguindo a mesma linha de pensamento, o processo de observação avaliação do bem-estar emocional e do envolvimento das crianças representa um ótimo instrumento de apoio ao educador, no sentido em que possibilita que este promova um contexto educativo estimulante, que a escolha das atividades disponibilizadas às crianças vão de encontro aos seus interesses, quer individualmente, quer globalmente (grupo), às características da sua faixa etária, suscitem nas crianças curiosidade e vontade de experienciar materiais novos, diferentes e diversificados. Bem como possibilita aos educadores refletirem sobre a sua prática educativa. De acordo com Coelho (2010),

(...) este livro, reconhecendo a importância de os educadores atuarem como “decisores”, apresenta-se como um recurso que poderá apoiá-los na tarefa de construção curricular, fortalecendo as suas capacidades para desenvolverem práticas reflexivas e deliberativas, formularem, problematizarem e partilharem quadros de referências que sirvam de suporte à organização de oportunidades educacionais, que realmente apoiem a tendência intrínseca e precoce da criança para se relacionar, aprender, desenvolver e construir conhecimentos.

(p. 7)

Contudo, é uma tarefa complexa, porque requer muita dedicação e perspicácia por parte do educador, isto é, pessoalmente sinto que quando estou concentrada a filmar uma criança, estou a “perder” outros momentos igualmente importantes para a minha formação, construção do projeto e do portefólio.

Em conversa informal com a educadora cooperante, constatei que partilhamos o mesmo ponto de vista, ambas achamos que este tipo de trabalho seria o desejável para a construção de uma prática pedagógica mais adequada e mais abrangente. No entanto, para implementar isto em contexto educativo, o ideal seria fazer isto em parceria com outra colega, pois assim o processo seria mais simplificado, facilitador e promotor de conhecimentos para ambas e não existiria este sentimento de “perda” de momentos igualmente importantes, ou somente de controlo do grupo, porque mesmo tentando ao máximo manter a atenção/controlo do grupo, sinto que a articulação dos dois processos é um pouco incompatível.

Foi a minha maior dificuldade ao longo da prática pedagógica, mas penso que está relacionado com a minha inexperiência neste tipo de processos/instrumentos (filmar e estar atenta de forma permanente ao grupo, de modo a conseguir satisfazer as suas necessidades, apoiá-los nas suas explorações e estar disponível de um modo geral para o grupo.

Relativamente ao referente, planificação e avaliação, é essencial que o educador perceba quais as finalidades educativas da Creche. O fundamental na Creche é afiançar experiências e rotinas diárias às crianças que atestem a satisfação das suas necessidades, segundo a autora Portugal (s/d), as finalidades educativas devem abranger três áreas desenvolvimentais a saber: o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima; o desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório e a competência social e comunicacional envolve o desenvolvimento do autocontrolo. (p.5)

Deste modo, o educador deve planificar as propostas educativas tendo em conta estes três desenvolvimentos. Por último, mas igualmente importante, a avaliação é inseparável da documentação pedagógica, constitui um processo contínuo e extenso que agrega os aspetos da observação, planificação e reflexão das aprendizagens das crianças.

Anteriormente referi que tencionava repetir atividades, a massa mágica para perceber o que tinha corrido menos bem aquando da primeira implementação e as caixas divertidas (correu muito bem na primeira vez) com mais um elemento desafiador. Assim em relação à atividade da massa mágica obtive resultados muito interessantes e concluí que o elemento que condicionou o sucesso da primeira vez foi o corante, isto é, desta segunda vez, não coloquei corante e as crianças reagiram muito melhor à experiência, inclusive duas das crianças que na primeira vez, não quiseram explorar a massa, desta vez, envolveram-se completamente e mostraram alguma renitência em querer terminar a atividade. Mas houve outras duas crianças que se envolviam em todas as atividades, mas nesta não se envolveram (ao contrário da primeira vez).

A atividade das caixas divertidas, que continham mais um elemento que da primeira vez, continuou a ser bem-sucedida, as crianças continuaram a mostrar curiosidade pelos diferentes tipos de papéis, mas também pelos elementos (bonecos) surpresa e pelas caixas de cartão por si só. O fato de ter repetido atividades, foi uma mais-valia na minha aprendizagem, fez com que percebesse o que correu menos bem e o que deveria melhorar na próxima vez. Na minha opinião esta estratégia é enriquecedora tanto para os/as educadores/as como para as crianças.

Concluindo, a Creche é um espaço rico e harmonioso para as crianças com idades entre os 0 e os 3 anos, que lhes proporciona descobertas, experiências, vivências, interações sociais, aquisição de novos conhecimentos e onde crescem harmoniosamente e de forma envolvida.

## **Referências Bibliográficas**

Diário da República, D.(2011). Decreto de lei, 2ªserie - nº79. Ministério de Educação.

Figueiredo, M. A. (2005). *Um Novo Olhar Sobre As Rotinas*. Lisboa: Bola de Neve .

Inoul, A. A., Wajskop, G., & Carvalho, S. P. (1998). *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (Vol. 1). (C. G. Infantil, Ed.) Brasília: Ministério da Educação e do Desporto.

Parente, C. (s/d). *Observar e Escutar na Creche para Aprender sobre a Criança*. Porto: CNIS.

Portugal, G. (s/d). *Finalidades e Práticas Educativas em Creche – das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Porto: CNIS.

Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *AVALIAÇÃO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: SISTEMA DE ACOMPANHAMENTO DAS CRIANÇAS*. Porto: Porto Editora.

Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Schiller, F. (s.d.). *Brincar: Uma Ponte para a Realidade*. Em *Bons Pais* (pp. 288-319).

## 6. Considerações finais

O projeto “ Na Creche Tudo Acontece” foi desenvolvido durante a Prática de Ensino Supervisionada, sendo os três primeiros dias essencialmente de observação do grupo, da rotina e para a nossa adaptação à instituição, à sala, às crianças e à Educadora Cooperante. Contudo, começamos voluntariamente a participar na rotina e a semana seguinte (semana partilhada) já mais direcionada para a participação nas atividades planeadas pela educadora cooperante, mas continuamo-nos sempre a preocupar com a observação da rotina, do grupo e em participarmos ativamente nas mesmas bem como em construirmos/estabelecemos uma relação afetiva com o grupo de crianças.

Consideramos que a nossa adaptação foi bem concretizada, tanto com as crianças, como com a forma de funcionamento da sala e da instituição. Ao longo de todo o período de estágio, atentamos que fomos bastante participativas, não nos limitámos apenas à observação, pois participámos ativamente em todos os momentos.

O tema escolhido para o projeto assentou na faixa etária e na observação do grupo, das atividades que a educadora cooperante realizou com as crianças, nas conversas informais que mantivemos com a educadora cooperante e no tema do projeto educativo da instituição “Educar para Saber Sorrir”.

Durante a nossa intervenção, planificamos atividades que promovessem o desenvolvimento das crianças, o desenvolvimento de sentido de segurança e autoestima e que estimulassem o seu ímpeto exploratório. As nossas atividades foram planeadas e aprovadas pela Educadora Cooperante, havendo algumas atividades sugeridas pela mesma, bem como a sugestão da repetição de atividades (fiz-nos perceber que não existe problema nenhum em repetir atividades, pois ajuda-nos na nossa aprendizagem e também é enriquecedor para as crianças). Pontualmente as estratégias previstas na planificação sofreram alterações, por indicação da Educadora Cooperante ou por percebermos que da forma como tínhamos planificado não iríamos obter os resultados pretendidos.

Em síntese, consideramos que os objetivos propostos foram alcançados e que houve uma grande evolução nas crianças durante estas oito semanas, tanto a nível motor, como cognitivo e social. Este estágio revelou-se uma fonte de aprendizagens pessoais, académicas e profissionais para nós.

## 7. Referências bibliográficas

- Bettencourt, A. (2012). *Estado da Educação 2010: Percursos Escolares*. Cadernos de Educação de Infância nº 95, APEI, janeiro/abril, p.5.
- Cardona, M. J., & Guimarães, C. M. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicossoma.
- Centro Social Interparoquial de Santarém. (28 de novembro de 2016). Obtido de Centro Social Interparoquial de Santarém: Centro Social Interparoquial de Santarém
- Cordeiro, M. (2008). *O livro da Criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Fernandes, M. (setembro de 2012). *A importância do educador e da vinculação. Coisas de Crianças - O Guia para Pais e Educadores*.
- Figueiredo, M. A. (2007). *Aprendizagem Activa na Creche, Como se deve processar- Bebés e Crianças até aos 3 anos*. Lisboa: Projeto "Bola de Neve".
- Figueiredo, M. A. (2007). *Aprendizagem Activa na Creche: Bebés e Crianças até aos 3 anos - Como se deve processar*. Lisboa: Bola de Neve.
- Figueiredo, M. A. (2008). *À Descoberta de... "Eu e o Mundo" Guia de Actividades*. (M. A. Figueiredo, Ed.) Lisboa: Projecto "Bola de Neve" .
- Figueiredo, M. A. (2008). *Como Organizar e Equipar um Ambiente na Creche*. Lisboa: Bola de Neve.
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2009). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
- Homem, C., Gomes B. e Montalvão. (2009). *A importância da criatividade*. Cadernos de Educação de Infância nº88, APEI, dezembro, p.41 – 46
- Matos, T. e Silva, A. e Neves, D. e Martins, I. e Tavares, L. e Matos, M. e Banza, R. (2010). *Direito à educação desde o nascimento*. Caderno de Educação de Infância nº 91, APEI, dezembro, p.42 a 45.

- Ministério da Educação (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Lisboa.
- Mourino, J. J., & Stobaus, C. D. (jan./abr. de 2006). *Afetividade: a manifestação de sentimentos na Educação*.
- Portugal G. (1998). *Crianças, famílias e creches – uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J., & Hohmann, M. (2007). *Educação de bebés em infantários - Cuidados e Primeiras Aprendizagens (3ª ed.)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkia. p. 123-133.
- Portugal, G., & Laevers, F. (2010). *Avaliação em Educação Pé-escolar: Sistemas de acompanhamento das Crianças*. Porto: Porto Editora.
- Vasconcelos, T. (2012). *Recomendações do Conselho Nacional de Educação sobre Educação das Crianças dos 0 aos 3 anos – propostas da/para a criança futura*. Cadernos de Educação de Infância nº 95, APEI, janeiro/abril, p.7 - 13.